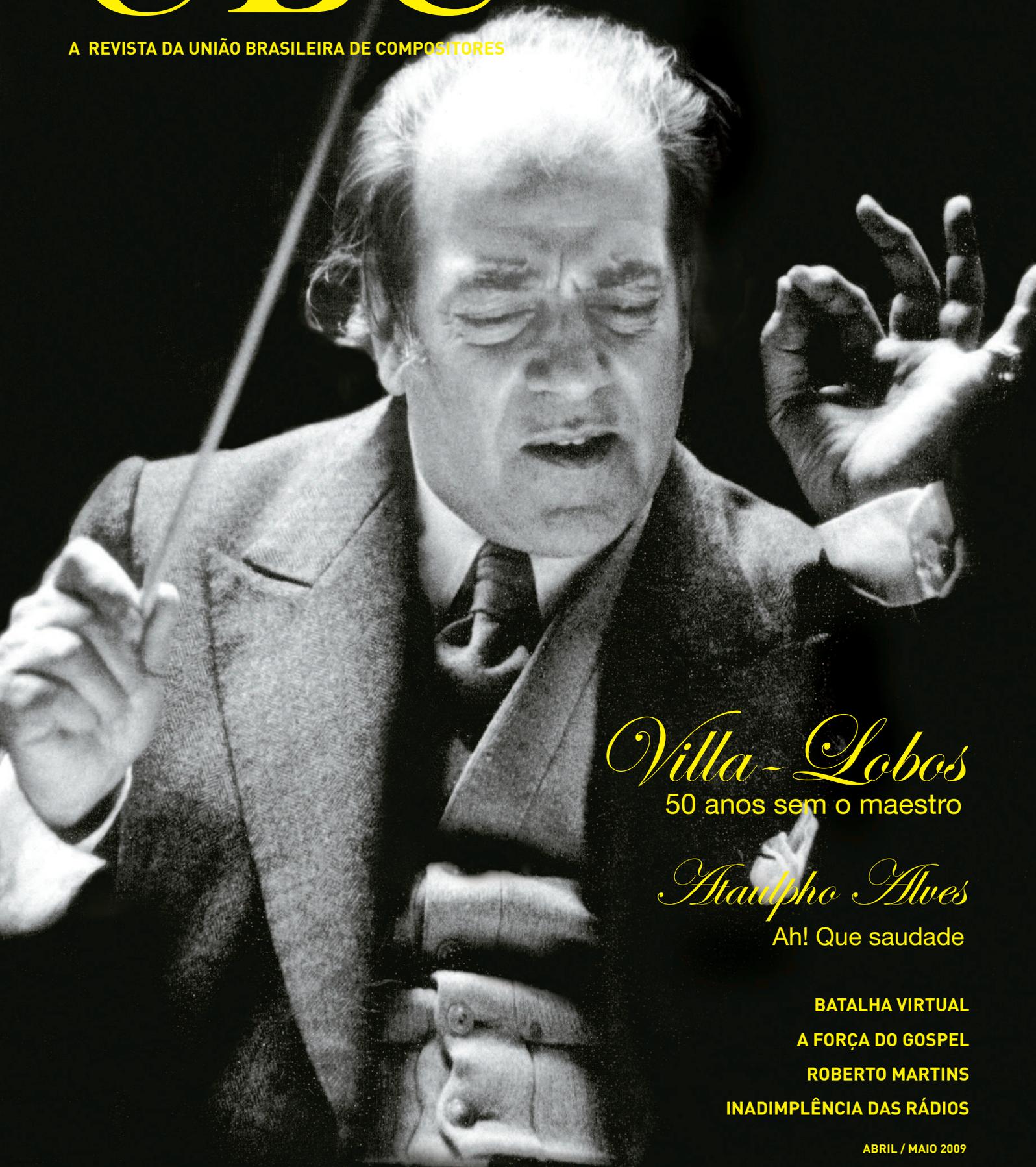


# UBC

A REVISTA DA UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES



*Villa-Lobos*  
50 anos sem o maestro

*Ataulpho Alves*  
Ah! Que saudade

BATALHA VIRTUAL

A FORÇA DO GOSPEL

ROBERTO MARTINS

INADIMPLÊNCIA DAS RÁDIOS

ABRIL / MAIO 2009



## Djavan

Compositor e intérprete  
Associado UBC

Autor de músicas como Oceano, Flor de lis e Eu te devoro.

“Eu quero parabenizar o Ecad pelo trabalho em prol da música, da cultura brasileira, dos compositores, dos intérpretes. O direito autoral é um direito básico, deveria ser sagrado para a pessoa que trabalha com música e vive disso. Assim como todo mundo paga a entrada do teatro e do cinema, deveria respeitar o que é cobrado pela execução da música. Mas, infelizmente, alguns órgãos não pagam, e algumas rádios e canais de televisão pagam apenas parte disso. É pelo esforço em manter os direitos dos músicos, que agora, eu desejo ao Ecad muitas felicidades e sucesso nessa caminhada que se estenderá para sempre.”

**VoZes em defesa**  
**do DIREITO AuTORAL.**  
**E que vozes.**



## Fernando Brant

Compositor  
Associado UBC

Autor de músicas como Canção da América, Paisagem na janela e Travessia

“Os direitos autorais são direitos humanos. Isso está na Carta da ONU, está em todas as Constituições do mundo democrático. O direito autoral também é um direito de propriedade. A gente vive no Brasil uma luta constante porque sempre existem pessoas ou empresas que fogem das suas responsabilidades civis. Quem gosta de música tem que gostar também de quem cria a música, tem que valorizar quem cria, porque a música move o mundo. São centenas de milhares e milhões de pessoas que vivem em função da música. Mas isso só acontece porque existe um ou dois ou três autores criando uma canção. E é essencial para que a música continue existindo, que o autor continue existindo, que ele seja remunerado pela sua criação.”

# ÍNDICE

- 04 Novos associados
- 06 Villa-Lobos
- 09 Ataulfo Alves por Sérgio Cabral
- 11 Ataulpho Alves
- 12 Alterações nos percentuais
- 13 Roberto Martins
- 14 Novas ideias
- 16 Batalha virtual
- 17 Inadimplência das rádios
- 18 Gospel
- 19 Notas internacionais
- 20 Notas nacionais
- 22 Agenda

#### Concepção

UBC e Vizoo Editora

#### UBC Presidência

Fernando Brant

#### UBC Diretoria

Abel Silva  
Edmundo Souto  
José Antônio Perdomo  
José Loureiro  
Marisa Gandelman  
Paulo Sérgio Valle  
Ronaldo Bastos

#### UBC Coordenação

Elisa Eisenlohr

#### Editor

Gustavo Franck

#### Diretor editorial

Pedro Garrido

#### Projeto gráfico

Vizoo Editora

#### Diretora de arte

Fernanda Novaes

#### Colaboradores de texto

Carolina Folegatti  
Henrique Gandelman  
Marina Cohen  
Marisa Gandelman  
Paula Monteiro de Freitas  
Sérgio Cabral  
Sílvio Essinger

#### Imagens

Museu Villa-Lobos  
Editora Aquarela do Brasil

#### Capa e índice

Fotos gentilmente cedidas  
pelo Museu Villa-Lobos

#### Revisão de texto

Duda Costa

Tiragem: 5.000 exemplares

A revista UBC é uma publicação da Vizoo Editora  
Rua Visconde de Pirajá, 433/3º andar - Ipanema  
Rio de Janeiro, RJ - Tel: 55 (21) 2523-3136

## O que há em comum entre Ataulpho Alves e Villa-Lobos?

Os dois eram brasileiros e vieram de origem humilde. O primeiro, se vivo fosse, completaria 100 anos no dia 2 de maio deste ano. Criou, nos seus quase 60 anos de existência, uma obra musical que os brasileiros adotaram e cantam até hoje. Já o Maestro Heitor Villa-Lobos, cujo cinquentenário de morte se comemora em novembro, traz em sua música a alma do Brasil. Sua obra magistral ganhou o mundo e é executada em todos os cantos do planeta. Além da música chamada de concerto, espaço maior de sua atuação, é responsável pelo desenvolvimento da qualidade de nossa música popular, por meio da influência que exerceu e exerce sobre nossos principais compositores. Mas o que realmente mais os aproxima, o que eles têm em comum, é a União Brasileira de Compositores (UBC). Desde a sua fundação, Ataulpho e Villa-Lobos pertencem à sociedade, surgida, em 1942, para congregar os compositores de nossa nação musical.

Por esse motivo, 2009 será, para nós da UBC, ano de Ataulpho Alves e Heitor Villa-Lobos. Para marcar este fato, apresentamos a vocês a nova Revista da UBC, que surge com cara nova e a mesma disposição de sempre defender os direitos autorais dos criadores de música.

*Fernando Brant*

# NOVOS ASSOCIADOS

A CADA DIA, A UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES (UBC) CONQUISTA MAIS ESPAÇO PARA O COMPOSITOR NA INDÚSTRIA MUSICAL. JUNTO COM ESSAS CONQUISTAS, VÊM TAMBÉM MAIS E MAIS AUTORES INTERESSADOS EM PROTEGER SUA MÚSICA E, ASSIM, A CASA FICA CADA VEZ MAIS CHEIA. AQUI VOCÊ PODE CONFERIR OS NOVOS MEMBROS DESSE CLUBE QUE CRESCE A CADA DIA E AINDA CONHECER UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DE QUEM AJUDOU A CRIÁ-LO.

imagens divulgação



Nascido em 1966, no auge do tropicalismo, o grupo então formado por Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias marcou a história do rock nacional. Em 1970, foi lançado o álbum *A Divina Comédia ou ando meio desligado*, o mais importante da banda, que fazia um rock progressivo com uma pitada de brasilidade. O grupo terminou em 1978 e, só 28 anos depois, em 2006, Os Mutantes voltaram à ativa, dessa vez com a cantora Zélia Duncan no lugar de Rita Lee. Depois de uma turnê pelos Estados Unidos e Europa, o grupo fez sua primeira apresentação no Brasil, levando 50 mil pessoas ao Museu do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Naquele mesmo ano, Zélia Duncan e Arnaldo Baptista deixaram o grupo. Sérgio Dias e seus músicos mantiveram a banda, que lançou em 2007 sua primeira canção inédita em mais de três décadas.



Já são trinta anos de carreira e Marina Lima e sua voz sussurrada não perderam o poder de sedução. Foi em 1984, com o lançamento do álbum *Fullgás*, que a cantora estourou. Além do *hit*, duas outras músicas do disco, "Mesmo que seja eu" e "Me chama", também ganharam o público. Seu primeiro disco ao vivo vendeu mais de 250 mil cópias, e os sucessos "Uma noite e meia" e "À francesa" fizeram de Marina uma das cantoras mais populares dos anos 80. Depois de algum tempo fora dos holofotes, a cantora reapareceu na mídia em 2003 com o lançamento de um CD e DVD gravados pela MTV só com canções suas em formato acústico. Com o sucesso do álbum, a cantora retornou às paradas das rádios. Seu último trabalho, *Lá nos primórdios*, foi lançado em agosto de 2006 e conta com dez músicas inéditas.



São nove anos de existência, 22 estados brasileiros visitados e 25 álbuns lançados. Os números já dão a noção do sucesso alcançado pelo grupo de música evangélica. Criado em Belo Horizonte, Minas Gerais, o grupo tem cerca de cinquenta integrantes, que fazem um espetáculo completo para o público. Entre músicos profissionais e leigos, há também dançarinos, cantores e uma orquestra de sopro. A banda, que já se apresentou na Guatemala, Japão, Indonésia, Inglaterra e Israel, gravou seu primeiro álbum em 1998, dentro da própria igreja, com 7 mil pessoas presentes. As músicas "Manancial" e "Aclame ao Senhor" foram as de maior sucesso nesse primeiro trabalho. Dois milhões de pessoas compareceram ao último grande *show* da banda, para a gravação do sexto CD, *Quero me apaixonar*, em 2003, na cidade de São Paulo.



O cantor de *reggae* baiano começou sua carreira musical já cercado de prêmios. O primeiro foi conquistado em um festival no próprio colégio onde estudava, mas foi apenas quando ganhou o troféu de melhor intérprete do Festival Canta Bahia que conseguiu gravar seu primeiro compacto. Seis anos depois, Edson emplacou seu primeiro *hit* nacional, a balada "Samarina", saída do seu disco *Reggae e resistência*. Nesse trabalho, fica claro seu estilo engajado, inspirado pelas raízes do *reggae*. Por retratar as questões sociais da região onde nasceu, Edson conquistou um público fiel na Bahia. O sucesso se espalhou e, em 1996, Edson abriu o *show* do Alpha Blondy, em Salvador, tocando para 22 mil pessoas. Seu trabalho mais recente é o álbum *Ao vivo em Salvador*, de 2006, que é seu primeiro DVD.



Seu jeito carioca despojado fica evidente em todos os gestos e a criatividade que quase transborda pode ser notada até em seu nome: uma mistura de Martinho (da Vila), nome de seu pai, com Anália (Mendonça), o de sua mãe. Mart'nália é cantora, compositora, percussionista de primeira e toca dezenas de instrumentos diferentes. Nasceu com a música no DNA. Com o pai sambista e a mãe cantora, sua casa era frequentada por Clara Nunes e João Donato. Antes de lançar *Mart'nália*, seu primeiro CD, de 1987, a cantora já fazia *backing vocal* nas apresentações do pai. Depois de cantar e tocar em diferentes bandas, lançou o CD *Minha cara*, de 1995, muito elogiado pela crítica. Seu último trabalho, *Madrugada*, de 2008, será lançado em toda a Europa e nos Estados Unidos ainda este ano.

Com o foco totalmente voltado para as canções tradicionais da região sul do país, a gravadora USA Discos é pioneira na venda de músicas pela internet. Desde 2007, fãs do folclore tradicionalista podem ouvir e baixar músicas pela internet em formato mp3 e pagar diretamente na loja virtual com cartões de crédito. O internauta pode ouvir um trecho de qualquer uma das duas mil músicas disponíveis e, se gostar, comprar. É claro que, quem preferir, pode comprar o CD ou DVD original também pelo *site*. Apesar do foco na produção gaúcha, a gravadora, criada em 1992, também achou um espaço para outros gêneros musicais populares, como pagode, axé e sertanejo. A USA Discos procura privilegiar bandas desconhecidas que ainda não encontraram espaço no mercado e precisam de um empurrão para deslanchar.



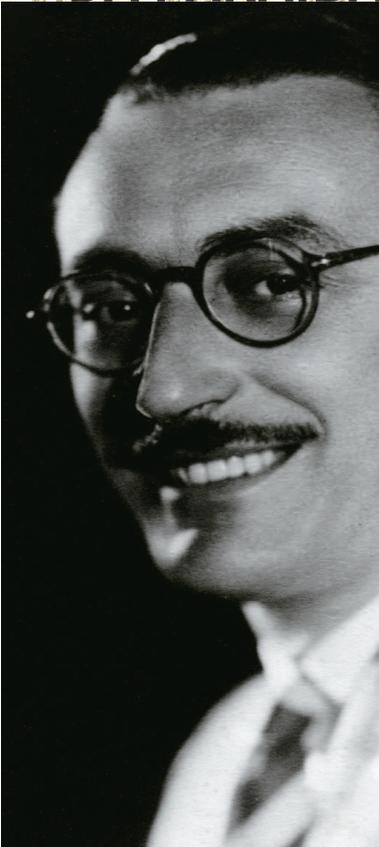
Considerado um dos mais importantes compositores da música tradicional do Rio Grande do Sul, Luiz ficou conhecido nacionalmente quando ele e seu parceiro Antonio Pimentel foram ganhadores do quadro “Se vira nos 30”, do programa Domingão do Faustão, com o número *Violão a quatro mãos*, em 2004. Em entrevista concedida ao *site* da Unisinos, Luiz conta que começou a tocar violão aos 17 anos e aprendeu tudo o que sabe sozinho. Enquanto trabalhava para se sustentar no início da carreira, ele teve suas músicas gravadas pelo também compositor gaúcho Rui Biriva e por Eracy Rocha, ex-presidente da Ordem dos Músicos do Brasil. Já com uma carreira sólida, Luiz lançou no ano passado seu quinto CD solo, *Cantos e cordas*, e está fazendo turnê por todo o país, incluindo *shows* em Manaus, Roraima e na Bahia.



O hit “Menina veneno” estourou na década de 80 e, graças ao seu sucesso, o LP *Vôo de coração* vendeu mais de um milhão de cópias. Ritchie, autor da canção, começou a carreira de músico como flautista ainda na Inglaterra, país onde nasceu. No início dos anos 70, ele veio para o Brasil e se apaixonou pela MPB. Porém, só em 1983 ele teve coragem de lançar seu primeiro CD solo e, dessa vez, como cantor. O tiro foi certo e, em uma semana, “Menina veneno” era uma das músicas mais tocadas no país. Depois de sete discos solo e anos trabalhando com sonorização para *sites* e outras mídias digitais, retornou com um disco de composições inéditas em 2002, *Autofidelidade*. Recentemente, Ritchie voltou às rádios com a música “Fala”, gravada para um disco em tributo à banda Secos e Molhados e que foi usada na trilha sonora da novela A Favorita, da Rede Globo.



O quinteto de cordas, criado em 1989, une a técnica da música de câmara com a cadência da música popular. O nome da banda já deixa clara sua proposta de divulgar a obra de compositores nordestinos, propondo um diálogo com o cancionista medieval. Com repertório eclético, o grupo é autor de canções importantes para a cultura nacional. Ele participou da trilha sonora do filme *Central do Brasil*, de Walter Salles, e foi o responsável pelos arranjos do último trabalho de Chico César, o álbum *De uns tempos pra cá*. Além disso, o conjunto ficou meses entre os primeiros colocados na parada de música de câmara na Inglaterra. Em seu trabalho mais recente, *Nau Capitânia de Itamaracá*, o grupo interpreta músicas de Lenine e Chico César. O quinteto dá lirismo e constrói arranjos extremamente ricos para as canções dos dois artistas da MPB.



## PRIMEIROS ASSOCIADOS ARY BARROSO

### Aquarela musical

Ary Barroso encantou o mundo traduzindo seu Brasil em música. Se “No tabuleiro da baiana” foi sucesso internacional na voz de Carmen Miranda, “Rio de Janeiro” não ficou atrás e ganhou indicação ao Oscar, no ano de 1944. “Aquarela do Brasil”, que muitos estrangeiros ainda acreditam ser o hino desta nação, circula até hoje entre as vinte canções mais executadas em todos os tempos. Apesar da grandiosidade dos feitos supracitados, ainda são poucos para resumir a trajetória e a importância desse mineiro de Ubá, nascido no dia 7 de novembro 1903. Ainda na terra natal, Ary Evangelista Barroso iniciou precocemente sua relação com a música. Aos 12 anos de idade, e com apenas dois de estudos dedicados ao piano, o menino já animava as sessões de cinema mudo no Cine Ideal, executando as trilhas de fundo durante as projeções. Em 1920, mudou-se para o Rio de Janeiro – então capital federal –, com o objetivo de formar-se em direito. No entanto, a relação intrínseca com a música fez com que só conseguisse concluir o objetivo acadêmico nove anos mais tarde, sendo que nessa época já era parceiro do também inesquecível Lamartine Babo (“Amor de mulato”, “Cachorro quente” e “Oh! Nina” foram as primeiras composições da dupla). No mesmo ano da formatura, veio o primeiro sucesso: na voz do colega de faculdade Mário Reis, “Vamos deixar de intimidade” apresentou definitivamente as credenciais de Ary ao universo musical da nascente era de ouro do rádio. No rádio, foi locutor, humorista, comentarista esportivo (a paixão pelo Flamengo o fez recusar até um convite para morar em Hollywood!), apresentador e ator; isso sem falar da música.

Sua vida era a música, mas o diploma de advogado tinha razões para existir. Ary Barroso sempre foi um ferrenho defensor dos direitos autorais dos compositores, sendo inclusive o primeiro presidente da UBC, surgida no ano de 1942 da fusão da Associação Brasileira dos Compositores e Autores (ABCA) com o departamento musical da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais (SBAT). Certa vez, chegou a declarar: “O clube abre seus salões para divertir seus associados. Paga à Light a luz que consome; paga à confeitaria as ‘comidas’ que come; paga aos músicos as horas que tocam. Só não quer pagar ao compositor, sem cujas melodias não haverá danças”.

UBC [VILLA-LOBOS]

Imagem gentilmente cedida pelo museu Villa-Lobos

# HEITOR

por Henrique Gandelman

# VILLA-LOBOS

O DIREITO AUTORAL NA "FLORESTA DO AMAZONAS", DE VILLA-LOBOS

Como observou um estudioso de fatos históricos, os acontecimentos do passado nem sempre apresentam definições precisas. Daí, por vezes, não se tornarem situações estáticas. Cabe, portanto, aos pesquisadores analisar tais fatos, a fim de que se conheça como os mesmos, na realidade, foram constituídos. De longa data, vem sendo difundida a falsa notícia de que a “Floresta do Amazonas” seria a trilha sonora do filme norte-americano *Green Mansions*. No entanto, são obras distintas, e a confusão nasceu dos fatos e episódios – diríamos de uma “novela enganosa” – que a seguir serão resumidos, e que nos conduzem à identificação da verdadeira autoria e titularidade legal (100%) da monumental criação de Villa-Lobos. Para isso, alguns depoimentos cristalinamente esclarecedores merecem ser citados.

“Tendo aceito o projeto [proposto pela Metro-Goldwyn-Mayer (MGM)], Villa-Lobos rapidamente compôs a música e chegou a Hollywood com a partitura pronta, muito antes da MGM ter terminado as filmagens. Sua música foi inspirada diretamente da novela de W. H. Hudson, *Green Mansions*, sem qualquer referência ao filme, e, portanto, não considerou o *timing* das cenas que supostamente deveria acompanhar. A música então foi adaptada por um *soundtrack-doctor* – tarefa empreendida pelo compositor Bronislau Kaper. Ele transferiu a ênfase da obra original de Villa-Lobos, baseada no livro, para as imagens reais do filme. *Green Mansions* não foi um sucesso e Villa-Lobos ficou infeliz com a maneira com que sua música foi adaptada. Ele decidiu, então, usar sua música como base para uma grande suíte de concerto – ‘Floresta do Amazonas’ – para soprano coro masculino e orquestra. ‘Floresta do Amazonas’, em vez de narrar o filme *Green Mansions*, reflete o espírito do livro, e intrinsecamente evoca os sons e cores da selva. A obra inteira está repleta de representações de cantos de pássaros, ventanias, gritos de animais, o equivalente musical das próprias onomatopéias da novela de Hudson”. Este texto foi escrito por Matias Tarnopolsky e se encontra no encarte do CD *Floresta do Amazonas* (EMI Classics).

Outro depoimento relevante é o de João Máximo, publicado no jornal *O Globo*, em 20 de junho de 2005: “Os estudiosos da obra de Heitor Villa-Lobos acabam de ganhar um elemento importante para saber em que medida o compositor foi desrespeitado em sua única experiência em Hollywood: 46 anos após a estréia do filme ‘*Green Mansions*’ (A Flor que não morreu), sua trilha sonora sai pela primeira vez em disco, por enquanto só nos Estados Unidos. E sai assinada por Bronislau Kaper, renomado compositor de cinema. Villa-Lobos? É creditado em terceiro plano, abaixo de Kaper e do regente Charles Wolcott. (...) Tudo que Villa-Lobos exigiu para escrever a música foi o roteiro de Dorothy Kingsley. Acreditava que musicar um filme era o mesmo que musicar um balé. Isso é: comentar com música adequada as cenas do roteiro. Em seu livro de memórias, Miklós Rózsa conta: ‘Ele (Villa-Lobos) chegou com a música pronta, dizendo que só ia ver o filme no dia seguinte (...). Aparentemente, ninguém se deu ao trabalho de explicar-lhe as técnicas básicas da música do cinema. ‘Mas maestro’, perguntei-lhe, ‘o que acontece se a música não sincronizar com o filme?’ Villa-Lobos, é claro, falava como se para um completo idiota: ‘Nesse caso, é óbvio, eles terão de ajustar o filme à música’. Bem, não fizeram nada disso. Pagaram-lhe o combinado e ele voltou para o Brasil. Nada tão simples assim. Primeiro, pensaram em indicar-lhe um orchestrador para ajustar

seus temas às cenas. Villa-Lobos não aceitou que lhe mexessem numa nota de sua própria orquestração. Depois, constataram que só isso não ia dar certo e recorreram a Kaper, que só aceitaria a tarefa se, primeiro, pudesse reescrever toda a música, acrescentando-lhe seus próprios temas, e, depois, se fosse creditado como único compositor. O outro teria de se contentar com um crédito menor: ‘Special music created by Heitor Villa-Lobos’. Mas o que resultou disso tudo? Primeiro, a trilha que se ouve no filme e que agora sai em CD editado pela Turner a partir de fitas-matrizes arquivadas pela Metro, já que a idéia de se lançar o LP, em 1959 mesmo, foi abandonada. Segundo, o mais importante, a suíte que o próprio Villa-Lobos criou a partir de seus temas originais, a belíssima ‘A Floresta do Amazonas’. (...) O CD com a trilha é, basicamente, Kaper. (...) Ele aproveita alguns temas de Villa-Lobos (com destaque para a mais triste das suas *bird songs*, repetida em várias cenas), mas não inclui o mais famoso tema da suíte, ‘A melodia sentimental’. Kaper preocupou-se em enfatizar os sons da selva, pesados, às vezes agressivos, sugerindo ação e mistério. Embora a canção de amor seja sua (letrada por Paul Webster, mas só vocalizada no filme e no disco), o que há de mais inspirado está, sem favor, nos temas originais.”

Quando Villa-Lobos entregou a partitura que a MGM lhe solicitara, e que seria a trilha sonora do filme *Green Mansions* (mais tarde composta por Bronislau Kaper), imaginou um grande painel sinfônico (que poderia bem ser um balé), inspirado no romance de W. H. Hudson, sem levar em conta os detalhes da sincronização da música com as sequências das cenas cinematográficas. Quanto à reutilização pelo próprio autor de temas musicais seus em obras distintas, historicamente, encontramos tal prática tão comum entre compositores consagrados. O mesmo se pode dizer de personagens que aparecem em obras literárias distintas de um mesmo escritor.

Toda esta “novela enganosa” acima analisada foi “imaginada” e construída com má-fé, e isso após o falecimento de Villa-Lobos. Assim, não lhe foi dada a chance de lutar por seus direitos morais e patrimoniais de legítimo autor e titular da “Floresta do Amazonas”. Sem originalidade, não existe autoria. É condição básica e determinante que uma criação intelectual seja inteiramente original para que se possa atribuir-lhe uma autoria. E como poderíamos definir o que é originalidade, ou seja, o que é uma obra original? Sem dúvida, é aquela que tem origem no labor intelectual de seu autor, quando o mesmo exterioriza e formata expressões de idéias e sentimentos, tanto ficcionais (como, por exemplo, no romance, na poesia, em uma sinfonia, nas artes plásticas), como também em assunto referencial (dados de pesquisas, fatos históricos). Para ser considerada original, uma criação intelectual não necessariamente deve ser uma novidade, já que seu autor pode utilizar temas antigos e conteúdos de caráter genérico, que podem até mesmo ter sido anteriormente utilizados por outros autores, como temas musicais folclóricos, paisagem da natureza, fatos históricos, e assim por diante. O importante é verificar se uma obra, para ser considerada original, é essencialmente criativa e distinta de outras que apresentam conteúdos idênticos. “Floresta do Amazonas” é uma criação original, cujos direitos autorais (100%) pertencem a seu autor Heitor Villa-Lobos, e agora à sua sucessora testamentária, a Academia Brasileira de Música, o que, salvo melhor juízo, está plenamente comprovado no que está acima exposto.



*Villa-Lobos* para sempre!  
Suas melodias, harmonias, ritmos, timbres,  
sonhos, são atemporais!  
Sua obra iluminará sempre o caminho  
da música brasileira!  
Infinita inspiração!!!!  
Eternamente vivo: Heitor Villa-Lobos.”  
**Leo Gandelman**

*Villa-Lobos* é o compositor brasileiro que todos os músicos, de qualquer estilo ou formação, deveriam ouvir. Ele transitou da pesquisa do folclore à música erudita, compondo obras das mais criativas e originais que já foram feitas neste planeta. Por isso, tem seu lugar destacado nas melhores enciclopédias e livros de compositores já publicados. Quando compunha, sua música fluía à flor da pele, e qualquer momento era de inspiração. E, pelo fato de ter tocado vários instrumentos, Villa-Lobos ampliou-se nos formatos, estilos e vertentes musicais que hoje agradam desde um audiófilo amador ao mais requintado ouvido de um músico ou maestro do mundo.”  
**Toninho Horta**

“Eu já gostava de *Villa-Lobos* antes de conhecer Tom Jobim. Digo isso porque a paixão que Tom tinha por Villa fazia com que nós, que estávamos por perto, nos interessássemos em conhecer e valorizar mais a obra do Mestre. Confesso que isso apenas reforçou minha admiração por Villa, pois sua maneira de retratar o Brasil em sua música sem fronteiras entre o erudito e o popular, criando em torno dos ricos ritmos e matizes da nossa terra, às vezes só com o violão, outras vezes com uma orquestra sinfônica, há muito tempo havia me conquistado, desde os estudos de música clássica da minha infância e juventude. Cinquenta anos do falecimento de Villa-Lobos, logo em seguida aos cinquenta anos de vida da Bossa Nova. É o Brasil que dá certo.”  
**Marcos Valle**

“*Villa-Lobos* sempre foi bússola e bandeira para todos os músicos brasileiros. A maior tarefa do Museu Villa-Lobos e da Academia Brasileira de Música é transmitir essas ideias às novas gerações.”  
**Turíbio Santos**

“A primeira ideia que me vem quando penso em *Villa-Lobos* é que esse nome é um sinônimo de Brasil, aliás um belo sinônimo de Brasil, pois contém a cidade (Villa) e o campo (Lobos). A sua música brasileira, amazônica, parece dizer que nós somos o povo dessa floresta, que ela é tão nossa que o brasileiro Villa-Lobos extraiu dela a música nacional. E essa música é hoje conhecida no mundo inteiro, uma respiração para os espíritos. Também lembro do rosto largo, irradiando simpatia, um maestro que nas fotos empunha mais um charuto do que a batuta, Villa-Lobos do Brasil.”  
**Aderbal Freire-Filho**

# ATAULFO ALVES

por **Sérgio Cabral**

Nada como trabalhar na biografia de um personagem da música popular brasileira para saber se, realmente, ele é importante ou se há exagero nos elogios. Pois, agora, ao concluir um livro com a biografia de Ataulfo Alves, cujo centenário de nascimento ocorre no dia 2 de maio de 2009, afirmo, com todas as letras, que Ataulfo é muito melhor do que a gente imaginava.

Passsei cerca de dois anos pesquisando sua vida e ouvindo toda a sua obra. Era um desses raros brasileiros que passam a infância na pobreza e se projetam como um vitorioso em sua atividade, graças ao talento. A obra nos revela um inovador, um criador de escola para fazer samba, um compositor rigorosamente original, somando tudo isso à beleza das músicas. Não há a menor dúvida: trata-se de um dos melhores compositores de toda a história da nossa música.

Conheci pessoalmente Ataulfo quando, jornalista havia algum tempo, começava a escrever sobre música. Entrevistei-o em 1961 para o “Jornal do Brasil”, levei-o a Belo Horizonte para um programa que fazia na velha TV Itacolomi, ele me convidou em 1962 para acompanhá-lo numa homenagem que receberia na sua cidade, Mirai, na Zona da Mata de Minas Gerais, e era uma figura presente nos vários shows que me encomendavam em clubes e universidades. Nunca disse não a uma convocação para um evento destinado a levantar recursos para um colega de profissão em dificuldades. A sua famosa elegância, portanto, ia dos ternos que lhe caíam tão bem ao tratamento dispensado ao próximo.

Ninguém imaginaria que aquele perfeito cavalheiro teve uma infância tão modesta e que enfrentou tantas dificuldades nos primeiros anos de Rio de Janeiro, cidade em que chegou quando saía da adolescência para trabalhar com um jovem médico, que o queria atuando, durante o dia, no consultório e, à noite, como empregado da casa, fazendo os serviços domésticos. Ele detestava particularmente o trabalho noturno, mas uma feliz coincidência o ajudou a dar início à sua carreira de compositor: a casa do médico ficava na Rua

Paulo de Frontin, no Rio Comprido, onde a rapaziada do bairro e dos morros vizinhos criou o bloco carnavalesco Fale Quem Quiser, que logo chamaria a atenção dos bairros vizinhos pela beleza dos sambas que cantava. E quem fazia esses sambas era exatamente Ataulfo Alves, que, mesmo depois de deixar de ser empregado do médico para trabalhar como auxiliar de farmácia, na Rua São José, continuou morando em quartos alugados nas redondezas de Rio Comprido e frequentando o Fale Quem Quiser, do qual era o componente mais importante, o diretor de harmonia. Foi um dos maiores compositores da história do samba, Alcebiades Barcelos, o Bide, que, em 1933, levou Ataulfo Alves à gravadora Victor, onde ganhou logo o primeiro disco, com o samba Sexta-feira, gravado por Almirante, e, dias depois, o segundo, com Carmen Miranda, intérprete de Tempo perdido. Ataulfo já conhecia Carmen, amiga das filhas do dono da farmácia em que trabalhava. Ele dizia que somente no estúdio souberam que ela era a Carmen Miranda e que ele era compositor. Na era do rádio, só se conhecia os artistas pela voz.

Durante a década de 1930 suas músicas foram interpretadas pelos maiores cantores da época – Francisco Alves, Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, Ciro Monteiro, Odete Amaral e tantos outros – mas a sua luta na Odeon era lançar-se como cantor, o que conseguiu em fevereiro de 1941, quando gravou Leva meu samba. Foi uma gravação que marcou a estréia de Ataulfo como cantor e de Jacob do Bandolim como músico de estúdio.

Em janeiro de 1942, gravou Ai! Que saudades da Amélia, com letra de Mário Lago, novamente com a participação de Jacob. A partir de 1944, passou a se identificar nos discos como Ataulfo Alves e Suas Pastoras. E foi assim até morrer, em abril de 1969, dias antes de completar 60 anos de idade.

O centenário de nascimento coloca Ataulfo Alves mais uma vez em evidência. Mas a sua importância para a música popular brasileira significa que tal evidência deve ser mantida para sempre, em todos os séculos que virão por aí.

# ATAULPHO ALVES

## Mais do que o homem da Amélia

O menino de Miraí está correndo as rodas de samba e de conversa pelo Brasil afora. Isso porque este ano o país comemora os cem anos de um dos maiores representantes do samba, o mestre Ataulpho Alves. Além de cantor e compositor, é sempre lembrado pela elegância, gentileza, humildade pela busca incessante dos direitos dos compositores, juntamente com a UBC

No auge da carreira, lutou para reunir os nomes da música popular numa só associação para defender o direito autoral. Foi assim que, em 1942, fundou a União Brasileira de Compositores. Numa época em que começava a ser percebida a velocidade de disseminação das canções através do rádio e das viagens ao exterior, a música passou a ser vista por Ataulpho e seus companheiros como um bem valioso. Ele foi um dos primeiros a ver a canção como um produto.

Amigo próximo de Getúlio Vargas e Juscelino, Ataulpho Alves marcou a estrada da música popular brasileira com seus sambas de ditos populares. Nascido em Miraí, cidade no interior de Minas Gerais, ele veio para o Rio de Janeiro ainda muito novo, aos 17 anos de idade, logo após a morte do pai, o violeiro Severino. Ao mesmo tempo em que buscava o sustento ao trabalhar como auxiliar de farmácia, no Centro

do Rio, Ataulpho frequentava rodas de samba, como a do Estácio. E foi lá que ele conheceu a Dona Judite, com quem passou toda a sua vida e teve cinco filhos (Ataulpho Jr., Adelino, Adélia, Adeilton e Matilde). Nessa época já era muito elegante, vestia sempre o único terno branco que tinha. Deu muito trabalho para sua esposa, que tinha que lavá-lo todos os dias e passar logo em seguida com ferro a carvão. Na farmácia, logo conquistou a confiança do dono e aprendeu o ofício de manipular pílulas e remédios.

Foi nesse trabalho que conheceu Carmem Miranda, amiga das filhas do dono do estabelecimento. Depois de um tempo, os dois se reencontraram por acaso numa reunião com o americano diretor da gravadora RCA, Mr. Evans. Após a surpresa do encontro, no mesmo ano, ela gravou sua música “Tempo perdido”. Aos dezenove anos já tocava violão, cavaquinho e bandolim. O músico viveu numa época em que “samba era coisa de vagabundo”, como lembrou seu filho Ataulpho Alves Jr. Porém, foi ele quem levou o ritmo para a Zona Sul carioca, compôs mais de 400 músicas e gravou inúmeras delas. Entre seus sucessos é possível citar “Saudades do meu barracão”, gravado por Floriano Belham, “Mulher fingida”, “Errei, erramos” e “Meu pranto ninguém vê”, as três últimas interpretadas por Orlando Silva. Teve diversos parceiros: Bide, João Bastos Filho, Wilson Batista, Mário Lago, entre outros. Em fevereiro de 1941 Ataulpho lançou-se como intérprete com “Leva meu samba”, que também marca a estréia de Jacob do Bandolim como músico de estúdio. Em janeiro do ano seguinte apresenta uma de suas composições mais famosas: “Ai! que saudade da Amélia”, composto com Mário Lago e inspirado na doméstica de Aracy de Almeida, Dona Amélia dos Santos, que lavava, passava, cozinhava e realizava de tudo um pouco. Tocada até hoje, faz parte da cultura nacional.

Foi um dos poucos artistas a permanecerem em destaque ao longo de toda a vida. Na década de 60 era um dos raros nomes ainda remanescente da velha guarda. Sua música era distinta, com características muito próprias. Mostra as influências da toada mineira e de seu pai, violeiro cantador. Sua obra distingue-se pela cadência mais lenta e uma certa tristeza, com um certo comedimento ao cantar. Ataulpho misturou tudo isso com o que ouvia nas escolas de samba e fez com que as letras e as melodias simples tornassem possíveis a realização de suas músicas. Entre os temas que abordava discorria sobre amores, encontros, memórias, nostalgia, negritude e alegria. Chegou a ser eleito num concurso promovido pelo colunista Ibrahim Sued como um dos “Dez mais elegantes”. Além de seu porte marcante, carregava sempre um lenço branco, com o qual regia seu conjunto, como se fosse uma batuta. Foi este que deu à seu filho Ataulpho, quando ele tinha apenas 21 anos. Ele guarda o lenço até hoje e diz que “o artista nasceu para ser exclusivo do povo e quando ele morrer, vai voltar e viver de novo”.

Sempre atento ao percurso da música popular brasileira, Ataulpho chegou a acompanhar o entusiasmo da população com a Jovem Guarda. Para ele, é preciso sempre dar chance aos novos talentos. Nos versos do samba “Talento não tem idade”,

pede para que “voltem de novo, que é grande a saudade: talento não tem idade”. Após sofrer com uma úlcera no duodeno, resolveu realizar uma simples cirurgia. Porém, devido a complicações, Ataulpho Alves faleceu no dia 20 de abril de 1969. A admiração por sua pessoa era tamanha que seu enterro teve 15 mil pessoas presentes. Deixou de herança para todos suas canções simples e marcantes, que jamais serão esquecidas.

### A força do artista

Paralelamente a sua carreira, Ataulpho Alves fez parte ativamente da UBC. Foi um dos fundadores, inspetor geral entre e atingiu o direito de fazer parte em caráter definitivo ao Conselho Deliberativo da União, sendo presidente do mesmo pouco tempo antes de falecer. Participou também da fundação da Associação Defensora de Direitos Artísticos e Fonomecânicos, a ADDAF, em 1958 e criou sua própria editora, a ATA Edições Musicais, que administra parte de sua obra até hoje. Em 1957, a UBC recebeu do governo brasileiro a missão de difundir a música nacional no exterior. Ataulpho participou desta missão e trouxe grande parte da responsabilidade para si, indo a Gana e à Europa.

### Vida pessoal

Ataulpho era adorado por artistas de grande renome. Seu filho Ataulphinho revelou que Martinho da Vila, quando ainda muito novo, costumava admirar seu pai, nas suas caminhadas ao longo da Avenida Rio Branco, tamanho era o respeito. Também lembra que Ataulpho falava com todos ao andar pelas ruas. “Na época que eu trabalhava na UBC, ele passava lá para irmos à Cinelândia. Costumávamos levar umas duas horas para fazer este percurso porque meu pai fazia questão de falar com todas as pessoas que o paravam”, afirmou Ataulpho Jr. Nos fins de semana que não fazia shows, Ataulpho fazia questão de reunir a família em sua casa no bairro do Encantado -Zona Norte do Rio de Janeiro-, quando ensinava seus filhos a serem sempre humildes e nunca deixarem o sucesso subir a cabeça. Nas horas vagas gostava de consertar coisas pela casa com sua caixinha de ferramentas. Flamenguista frequentador do Maracanã e fez com que todos os filhos torcessem pelo time. Era também salgueirense de coração e tornou-se presidente perpétuo da Ala de Honra dos Compositores do Salgueiro.

### Comemorações e homenagens

Prestes a completar o centenário do nascimento de Ataulpho Alves, as comemorações caminham a passos largos. O empresário e coordenador geral da festa, Leonardo Dib, contou que a mídia tem buscado muita informação sobre o compositor. Segundo ele, o tema não havia sido explorado demasiadamente, o que pode trazer ainda mais destaque para o artista. Com o apoio do Estado de Minas e dos Diários Associados a festa de cem anos do cantor terá como tema a música “Leva meu samba”. Entre os eventos, que começaram no início do ano e irão até dezembro, estão o lançamento da biografia do autor, escrita pelo jornalista Sérgio Cabral, um documentário, um festival de samba em Mirai, inauguração da estátua de Ataulpho em sua cidade natal e show com seus filhos. Leonardo ainda prevê homenagens, como aconteceu no carnaval deste ano pela Banda de Ipanema.

Entre os dias 1 e 4 de julho haverá a primeira edição do Festival Ataulpho Alves de Samba, em sua cidade natal. O festival incluirá um concurso para os compositores e intérpretes de todo o país. Com premiação em dinheiro (o vencedor levará R\$40 mil), uma das etapas contará com grandes nomes do samba. As inscrições podem ser feitas gratuitamente e vão até o dia 30 de maio.

O distrito de Conservatória, em Valença (RJ), também irá comemorar com o 11º Festival de Seresta Sílvio Caldas. Já tradicional na cidade, o evento irá homenagear Ataulpho no exato dia que o compositor nasceu (2 de maio), às 19h. Valença ainda terá a oportunidade de ouvir músicas do mestre, interpretadas por Ataulpho Alves Jr.

## MARCAS DA VIDA DE ATAULPHO ALVES

Nasceu na Fazenda Cachoeira, no município mineiro de Mirai	1909
Migrou para o Rio de Janeiro com mãe e irmãos	1926
Era fundador de harmonia do bloco “Fale que quiser”, no bairro do Catumbi	1929
Teve seu primeiro sucesso gravado por Floriano Belham, “Saudades do meu barracão”	1935
Sílvio Caldas gravou “Saudade dela” e Carlos Galhardo os sambas “Você não sabe, amor”, “Tenho prazer” e “Não pode crer”	1936
“Quanta tristeza” é gravado por Carlos Galhardo e André Filho.	1937
Orlando Silva lançou a sua “Errei, erramos”	1938
Lança-se como intérprete com “Leva meu samba”	1941
Com Mário Lago compôs com ele também “Atire a primeira pedra”	1944
Dalva de Oliveira gravou “Fim de comédia” e “Errei sim”	1950
Participou do show “O samba nasce do coração e lançou “Pois é”	1954
Foi a Europa divulgar a música popular brasileira levando “Mulata assanhada” e “Na cadência do samba”	1961
Realizou uma temporada no Top Club do Rio de Janeiro	1964
Passa o título de Mestre do Samba e seu lenço branco para seu filho, Ataulpho Alves Jr.	1965
Faleceu em decorrência de uma úlcera duodenal	1969

Para maiores informações sobre os eventos acesse o site:  
[www.ataulfoalves100anos.com.br](http://www.ataulfoalves100anos.com.br)

# ALTERAÇÕES NOS PERCENTUAIS DE RECEBIMENTO

## ASSEMBLEIA DO ECAD DECIDE AUMENTAR PARCELA DAS ASSOCIAÇÕES

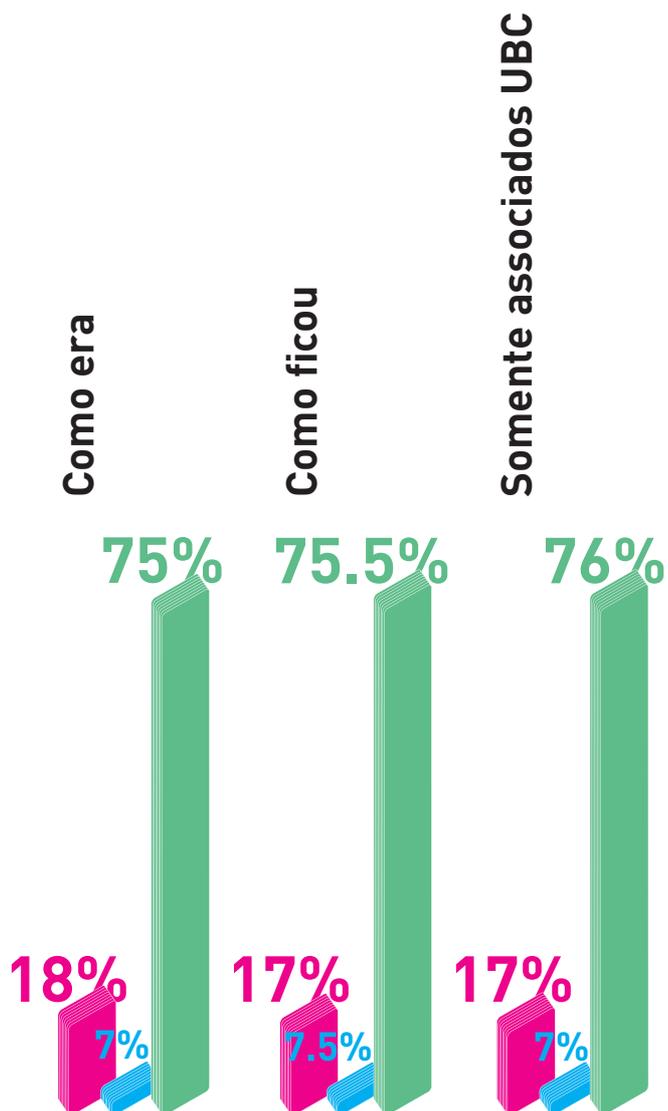
Durante a última Assembleia do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), realizada em 10 de março passado, as associações de autores votaram e instituíram algumas mudanças relevantes nos percentuais distribuídos. De acordo com a votação, o ECAD, órgão responsável pelos processos de arrecadação e distribuição dos direitos autorais de execução pública de obras musicais, teria sua cota reduzida em um ponto percentual – passando a receber 17% do total arrecadado.

A proposta inicial seria de repassar a quantia para as associações, que passariam a ganhar 8% do montante arrecadado. Mas, diante da discordância entre as várias associações, uma proposta aparentemente conciliadora foi apresentada e aceita: a de beneficiar associações e associados em meio ponto percentual.

“A União Brasileira de Compositores [UBC] se posicionou contra a proposta de aumentar o percentual das sociedades e foi voto vencido”, disse Ney Tude, gerente geral da UBC. Segundo a instituição, a saída encontrada não é condizente para sociedades sem fins lucrativos. Marisa Gandelman, diretora executiva, explicou: “As associações não deveriam ter o interesse em aumentar os próprios rendimentos; devem se adaptar e viver com o mínimo suficiente para manter a estrutura em funcionamento”. Para ela, o benefício de 0,5% aos associados esconde o interesse próprio de algumas associações.

A UBC entende que, ao diminuir o percentual do ECAD, o mais coerente seria repassar o benefício integralmente para todos os associados. Portanto, passa a exigir que o ECAD repasse aos titulares que formam o quadro de associados da UBC o percentual de 1% perdido em razão desta decisão que foi aceita por diversas associações, com exceção da UBC e da Sociedade Brasileira de Administração e Proteção dos Direitos Intelectuais (Socinpro). A UBC desde já tomará as providências para fazer valer seu entendimento contrário à decisão, repassando aos seus associados 76% do total arrecadado.

■ ECAD ■ Associações ■ Associados



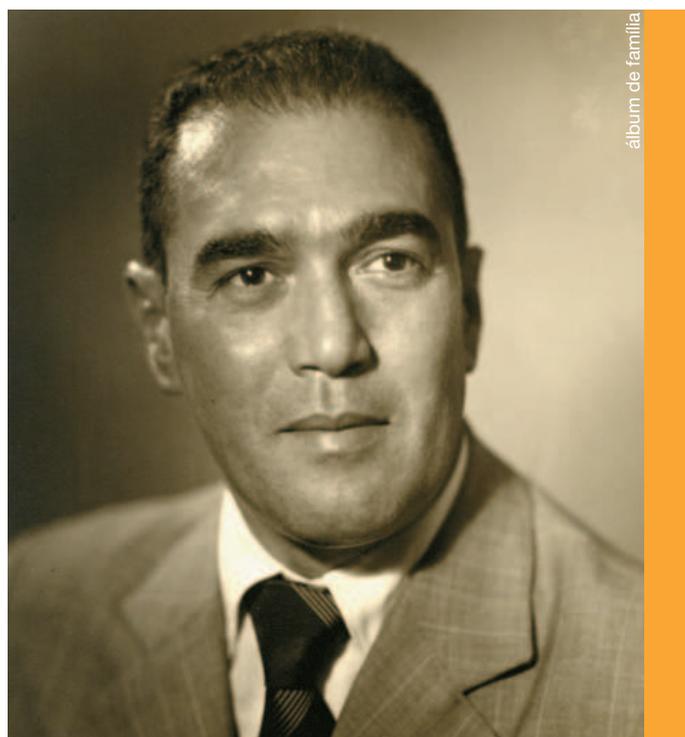
# ROBERTO MARTINS

UM DOS GRANDES COMPOSITORES DA ERA DE OURO DA MÚSICA BRASILEIRA ESTARIA COMPLETANDO 100 ANOS. VÁRIAS HOMENAGENS ESTÃO PROGRAMADAS

por **Silvio Essinger**

Quem nunca ouviu “Beija-Me” (“beija-me/ deixa teu rosto coladinho ao meu”), samba regravado alguns anos atrás por Zeca Pagodinho? Ou então um dos grandes clássicos de Nelson Gonçalves, o fox-trot “Renúncia” (“difícil no amor é saber renunciar”)? E que tal a marchinha “O Cordão dos Puxa-Sacos” (aquele que “cada vez aumenta mais”), grande sucesso no Carnaval de 1945 (mas cantado até hoje), que penou na censura do Estado Novo antes de ser liberada para a gravação dos Anjos do Inferno? Essas (e outras) músicas têm a mão do carioca Roberto Martins, um dos fundadores da União Brasileira dos Compositores. Falecido em 1992, Roberto estaria completando 100 anos em 2009. As homenagens vêm em forma de um evento, em maio, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e de um CD, organizado pela família, que resgatará suas principais músicas. Um dos grandes compositores da era de ouro da música brasileira (os anos 30 e 40), o carioca foi parceiro de Mário Lago, Wilson Batista, Mário Rossi, Nássara, Frazão e Ataufo Alves. E suas composições foram gravadas por algumas das maiores vozes do país: Carmen Miranda, Francisco Alves, Orlando Silva, Vicente Celestino, Aracy de Almeida, Cyro Monteiro, Roberto Silva, Elizeth Cardoso, Lúcio Alves, entre outros.

Roberto Martins nasceu em 29 de janeiro de 1909 no bairro do Riachuelo. Órfão de pai com um ano de idade, ele foi criado pela mãe, que era pianista de cinema mudo, e que logo passou para o garoto o amor pelo instrumento e pela música. Ele começou a trabalhar aos 12 anos de idade, e aos 20 entrou para a Polícia como guarda civil. Foi nessa mesma época que compôs seu primeiro samba, “Justiça”, que, embora não chegasse a ser gravado, teve sua letra publicada no livro *Samba*, de Orestes Barbosa. Em 1933, Roberto conseguiu que duas de suas composições fossem gravadas por Leonel Faria, no selo Odeon: “Regenerado” e “Segredo”. Em 1936, com Valdemar Silva, compôs “Favela” (“favela, oh! / favela que trago no meu coração”), o seu primeiro sucesso – reza a lenda que ele teve que conseguir o cachorrinho *basset* de uma amiga e dá-lo ao cantor Francisco Alves (que, de início não gostara da composição) para que este a gravasse. “Favela” teria mais de uma centena de gravações, além de ser uma das primeiras músicas brasileiras editadas nos EUA. Com isso tudo, em 1937, Roberto Martins seria transferido para o 5º Distrito, como investigador, lá ficando até 1939, quando conseguiu uma licença e nunca mais voltou às ruas como policial – só em atividades ligadas à música.



Em 1939, Orlando Silva gravou, com muito sucesso, para o Carnaval, o samba “Meu Consolo é Você”, parceria de Roberto e Nássara. No ano seguinte, a sua “Cai, Cai” (“cai, cai / eu não vou te levantar / quem mandou escorregar?”), gravada por Joel e Gaúcho, se transformou num clássico da folia, sendo cantada nos bailes por décadas a fio. Entre 1937 e 1945, Roberto Martins foi percussionista da Orquestra de Simon Bountman – seu toque de surdo pode ser ouvido nos filmes do personagem Zé Carioca, de Walt Disney. Em 1943, ele começou a trabalhar na UBC, onde se tornaria conselheiro permanente, e também compôs, junto com Mário Rossi, duas de suas canções mais famosas: “Beija-Me” (gravada inicialmente por Cyro Monteiro) e “Renúncia”. Já em 1948, ele viria a obter grande êxito com “Cadê Zazá?” (parceria com Ari Monteiro), marchinha que, quase 50 anos depois, foi citada por Rita Lee no sucesso “Dona Doida”, abertura da novela Zazá.

O último sucesso da vitoriosa carreira de Roberto Martins foi “Pedreiro Waldemar”, parceria com Wilson Batista, gravada em 1949 por Blecaute. Com versos como “você conhece o Pedreiro Waldemar? / não conhece, mas eu vou lhe apresentar / de madrugada toma o trem da circular / faz tanta casa e não tem casa pra morar”, hoje a canção é reconhecida como precursora da música de protesto no Brasil. Mais uma das – várias – músicas que merecem ser lembradas nesse ano do centenário do compositor.

# NOVAS IDEIAS NOVOS PROJETOS NOVOS SERVIÇOS

por **Marisa Gandelman**

A convergência dos meios de reprodução e difusão de obras musicais e a complexidade da administração dos direitos autorais nesse ambiente são o tema central do projeto em desenvolvimento pela União Brasileira de Compositores (UBC).

A tecnologia digital promoveu profundas mudanças no processo criativo e, conseqüentemente, na compreensão dos direitos que os autores têm sobre sua criação e sobre os métodos utilizados para gerenciar esses direitos. Falamos de uma transformação provocada pela diminuição extraordinária do custo de reprodução e distribuição viabilizada pela explosão dos meios de reprodução e difusão de obras. Em resposta, a União Brasileira de Compositores vive seu próprio processo de transformação em busca de oferecer, aos seus associados, ferramentas e condições necessárias para que possam obter e usufruir resultados da utilização de suas obras.

Independentemente de ser a atividade da representação ou execução pública de obras um costume muito antigo, presente com destaque na vida do homem em toda sua história, o direito de comunicação ao público desenvolveu-se e regulou-se ao longo dos últimos séculos, juntamente com o direito de reprodução. No segundo caso, estamos falando do direito que o autor ou titular dos direitos tem de permitir e definir as condições de validade de sua permissão para a reprodução de cópias de sua obra, com a finalidade de distribuição de exemplares ao público. O primeiro diz respeito ao direito que o autor tem de permitir a oferta de sua obra ao público, sem que haja a entrega de exemplares.

Ao definir a comunicação ao público pelo seu aspecto contrário à reprodução que se faz com a intenção de viabilizar a distribuição de exemplares ao público, abre o caminho para explicar e justificar a necessidade de criar métodos e ferramentas para garantir o controle desse tipo de oferta ao público. Não havendo exemplares, a oferta e entrega das obras ao público fazem de forma desmaterializada e, por isso, torna complexo o controle pelo próprio. O principal e mais conhecido método de controle e administração dos interesses dos autores e titulares relativamente à execução tem sido, desde o século 19, a gestão coletiva.

Por outro lado, se a reprodução se define pela fabricação de cópias com a finalidade de distribuição ao público, entende-se que o controle é viável, uma vez que a exploração se dá de forma materializada. No entanto, o que pensar ou dizer quando os exemplares distribuídos ao público deixam de se apresentar materializados em suportes físicos e passam a circular na forma de dados por redes virtuais, seja a rede mundial de computadores, ou as redes de telefonia móvel? Pensando sobre esta pergunta, entendemos a mudança introduzida no próprio conceito de reprodução

expresso na lei. As normas internacionais, adotadas também na legislação nacional, refletem uma ampliação no conceito de reprodução que hoje inclui o armazenamento permanente ou temporário em bases de dados. A partir do armazenamento em bases de dados, a distribuição faz por vias de transmissão, tradicionalmente usada como meio de realização da comunicação ao público.

Convergem os meios de oferta ao público, servindo o mesmo aparelho para viabilizar a comunicação entre duas pessoas, assim como para transmitir e receber arquivos contendo obras e fonogramas com a finalidade de apenas ver e/ou ouvir, porém sem que haja a entrega de um exemplar, ou com a finalidade de armazenar no próprio aparelho um exemplar virtual que ocupa espaço de memória medido em bytes. Simultaneamente, convergem os direitos, ou seja, a reprodução faz tanto com a finalidade de distribuição de exemplares, como de comunicação ao público, e as duas atividades podem acontecer simultaneamente pelas mesmas vias. As interpretações e obras musicais fixadas em fonogramas e em obras audiovisuais têm alcance global e instantâneo por meio de processos de baixo custo e de difícil controle, independentemente da circulação se dar com a finalidade de comunicação ao público ou de distribuição de exemplares.

Daí se conclui que, da mesma forma que a complexidade do controle individual da oferta e do uso das obras por meio de comunicação ao público resultou na criação das sociedades de autores, a transformação dos meios e do conceito de reprodução em razão das novas tecnologias que permitem a distribuição de exemplares virtuais desmaterializados torna necessária e cada vez mais relevante e valiosa a gestão coletiva também dos direitos de reprodução.

Em vista do quadro acima exposto, podemos dizer que vivemos uma nova economia da música. Aos poucos, vai se desenvolvendo uma nova inteligência ou forma de conceber, desenhar e viabilizar os negócios da música. Dentro deste cenário, a gestão coletiva surge como solução para as questões levantadas sobre o controle e sobre métodos e ferramentas para promover a produção de resultados econômicos positivos em ambiente de extrema facilidade de reprodução e ausência de obstáculos para a difusão global. Conforme ficou demonstrado, nesse ambiente não se separam os direitos, e, portanto, a gestão coletiva de todos os direitos simultaneamente surge como solução e rapidamente se transforma em necessidade.

Vale esclarecer que não estamos afirmando o fim dos meios tradicionais de reprodução e dos negócios de distribuição de cópias materializadas em suportes físicos. O comércio de cópias permanece e, certamente, permanecerá. No

entanto, na medida em que deixa de ser tão lucrativo como foi no passado, uma vez que compete com a distribuição de exemplares desmaterializados e com a comunicação ao público instantânea e de alcance global de arquivos, obras e fonogramas, sua administração precisa encontrar formas de manter o ambiente de economia de escala que reinou nas grandes gravadoras e editoras enquanto a venda de suportes físicos duráveis como os CDs alcançava a casa dos milhões. De lá para cá, o mercado independente cresceu e a sua fragmentação viabilizou o desenvolvimento de uma economia da música que não se baseia em vendas em grande escala. No entanto, a administração dos direitos não se tornou menos complexa ao contrário, com a facilidade de circulação proporcionada por novos meios e técnicas de distribuição, torna-se ainda mais trabalhosa e requer cada vez mais o uso da inteligência e experiência desenvolvida pela gestão coletiva de direitos autorais.

Movida por esse espírito, a UBC deu início em 1º de janeiro deste ano às atividades de sua nova divisão de direitos mecânicos. Assim, podemos dizer que hoje a UBC atua na defesa e administração dos direitos de execução pública das obras e fonogramas de seus associados e das sociedades estrangeiras por ela representadas no Brasil, bem como oferece, para todos aqueles que quiserem se valer das vantagens da gestão coletiva acima demonstradas, serviços relacionados à reprodução e distribuição de obras e fonogramas. A adesão é voluntária, ou seja, ninguém é obrigado a se associar com a finalidade de administrar seus direitos de reprodução e distribuição, diferentemente do que se passa com a execução pública em que os direitos são obrigatoriamente geridos coletivamente. No entanto, vale parar e analisar as vantagens de entregar os serviços de administração de direitos de reprodução e distribuição a uma organização como a UBC, que há décadas se dedica à gestão coletiva de direitos autorais de obras musicais e que hoje reúne técnica, conhecimento e recursos de inteligência para proporcionar aos seus associados condições favoráveis à geração de resultados e ao efetivo aproveitamento desses resultados.

Muitos pensarão que a UBC vai competir com seus próprios associados editores, fornecendo serviços que tradicionalmente vêm sendo prestados por eles. Mas a ideia é justamente o contrário disso. Pretendemos fornecer as vantagens da economia em escala e colocar à disposição dos editores, assim como dos autores e compositores, ferramentas administrativas que irão baratear seus custos operacionais e permitir que se dediquem ao seu verdadeiro e mais importante papel: captar repertório, estimular o autor na criação, encontrar oportunidades de negócio, colocar suas músicas em produções fonográficas, trilhas de obras audiovisuais, em comerciais etc.

Para concluir e visando pôr fim a qualquer dúvida que possa surgir a respeito das novas atividades da nossa sociedade na administração de direitos de reprodução e distribuição, vale citar Steve Porter, CEO da sociedade inglesa PRS for Music, que atua na administração tanto de direitos de execução pública, como de reprodução e distribuição, inclusive através dos novos meios eletrônicos. Porter, em nome da sociedade inglesa, vem apresentando ideias com as quais o projeto da UBC se identifica. Ao participar de um painel de discussões no último MIDEM em janeiro deste ano, ele foi questionado a respeito do papel da sociedade de gestão

coletiva de direitos autorais no novo cenário dos negócios da música. Porter respondeu listando quatro pontos que considera fundamentais na definição desse papel, que interpretamos assim:

- 1. Redução eficiente dos custos de administração:** para isso, busca-se a economia de escala, a eficiência e simplificação de processos administrativos.
- 2. Maximização das receitas:** foco no trabalho de atendimento e relacionamento com o associado, no uso da inteligência específica do corpo executivo de liderança e na qualidade da informação visando o incremento da arrecadação de seus associados e do valor de suas obras.
- 3. Satisfação do cliente:** promover um relacionamento amigável para o usuário em geral como ferramenta de estímulo ao consumo legítimo e o desenvolvimento de um mercado efetivo no novo cenário acima discutido.
- 4. Relevância:** manter e incrementar a importância da sociedade em um ambiente de constante mudança. Manter-se presente e fazer a diferença na vida dos seus associados em razão das oportunidades criadas para eles, bem como para os usuários de suas obras.

#### Informe seu show

Através do *site* da UBC, você pode informar o seu *show* ou o de outro artista que interpreta obras de sua autoria no Brasil e no exterior. Dessa maneira podemos assegurar que os direitos autorais sejam pagos e que os valores devidos sejam repassados aos autores das obras. Para nos informar basta procurar o *link* "Informe seu Show" em nosso *site* e preencher as informações como o nome do intérprete, o local do evento, a data e o repertório previsto. Acesse: [www.ubc.org.br](http://www.ubc.org.br)

#### Atualize seus dados

Por favor, entre em contato sempre que precisar alterar seus dados. Sem o seu cadastro atualizado não podemos enviar seus demonstrativos de pagamento ou até mesmo fazer o seu depósito.

#### Retido Online

Só para dar uma ideia da dimensão da base de dados do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), existem mais de 26.500 obras registradas que contêm a palavra "amor". Em todo esse universo, é possível que uma obra de sua autoria ou gravada por você não tenha sido identificada. Pensando nisso, a UBC mais uma vez inovou e desenvolveu um sistema que permite que o nosso associado trabalhe em conjunto conosco na identificação e resgate de seus créditos retidos. É o nosso Retido Online. Entre em contato com: [atendimento@ubc.org.br](mailto:atendimento@ubc.org.br) para saber mais e solicite seu *login* e senha.

#### Direitos fonomecânicos

A UBC a partir do início deste ano passa a administrar também direitos fonomecânicos. Este direito se refere à reprodução da sua música em um CD, assim como outros tipos de reprodução cada vez mais usados, como por exemplo a sincronização (inclusão em programas de TV e obras audiovisuais), *uploads* em bases de dados e *downloads* via internet ou telefone celular, e assim por diante.

**Para receber o formulário de filiação ou para mais informações entre em contato pelo e-mail [fonomecanico@ubc.org.br](mailto:fonomecanico@ubc.org.br) ou ligue (21) 2223 3233 e fale com Sônia Pepe ou procure a filial mais próxima de você.**

# BATALHA VIRTUAL

## BLOQUEIO DE VÍDEOS MUSICAIS NO REINO UNIDO APONTA NOVOS RUMOS PARA OS DIREITOS AUTORAIS NA REDE.

por **Carolina Folegatti**

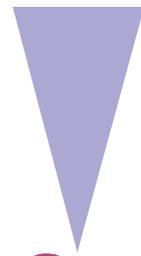
No último dia 9 de março, o *site* de vídeos YouTube anunciou o bloqueio de todos os vídeos de música para usuários da Grã-Bretanha, após não ter conseguido entrar em acordo sobre direitos autorais com a PRS for Music, que representa os compositores no país – e que, no Brasil, é representada pela União Brasileira de Compositores (UBC). A notícia foi assunto nos principais veículos de imprensa, brasileira e internacional, levantando uma discussão importante no âmbito da propriedade autoral na Internet, sempre apontada como um território alheio à observância das normas legais. Em se tratando de um gigante da rede, em porte e popularidade, a questão torna-se até mesmo emblemática e indica que, finalmente, a *web* começa a ceder no cumprimento daquilo que procede em qualquer ambiente, físico ou virtual: o respeito aos direitos autorais.

O YouTube, que pertence ao grupo Google, informou em seu *site* que, durante os últimos meses, manteve duras negociações com a principal associação de autores do Reino Unido e não conseguiu chegar a um acordo satisfatório para ambas as partes, mas garantiu aos usuários que o bloqueio seria temporário e que continuaria trabalhando para buscar um entendimento. Segundo as agências de notícias *Reuters* e *EFE*, o diretor da divisão do YouTube de vídeos para a Europa, Oriente Médio e África, Patrick Walker, declarou que a PRS pediu um valor muito acima do razoável e acusou de “proibitivas” as condições impostas pela instituição. O executivo-chefe da PRS for Music, Steve Porter, rebateu em nota que o aumento do valor da licença seria

equivalente à magnitude da popularidade do *site*, um dos campeões de acesso em toda a rede, e que o Google fez o anúncio sem qualquer consulta ou aviso prévios. Além disso, declarou que a associação estaria “indignada e decepcionada” pela ação, que prejudica diretamente os consumidores e compositores por eles representados.

Inegavelmente, a Internet revolucionou o mundo, rompendo fronteiras, aproximando culturas e permitindo trocas de informação, modificando para sempre as formas de relacionamento e socialização humanas. Com ela, surgem imensas e incalculáveis possibilidades tecnológicas e inéditas relações de consumo são estabelecidas, em virtude da facilidade e acessibilidade de dados disponíveis na rede. Contudo, a ampliação dessa teia de comunicação de alto impacto, aliada à revolução digital, que permite a cópia e reprodução de arquivos em alta, senão perfeita, qualidade, certamente são um desafio para o direito autoral, porque controlar a difusão do material com conteúdo protegido nessas proporções se tornou uma missão por demais penosa. O cenário que se criou, em consequência, é um tanto confuso e padece de maiores esclarecimentos, pois um grande número de internautas busca músicas gratuitas, sem mesmo saber por que deveriam pagar por elas.

Se, por um lado, o advento da *web* conferiu liberdade à sociedade globalizada, na medida em que diminui distâncias e lhe concede tantas facilidades, por outro demanda dessa mesma sociedade uma postura responsável e madura, principalmente no tocante aos direitos de propriedade intelectual. O embate entre o YouTube e a PRS for Music, ainda que pontuado pelas alegorias da mídia, derruba a falsa percepção, predominante até agora, de que a Internet é uma terra de ninguém. Essa idéia de vácuo legal no mundo virtual já não tem cabimento: aplicam-se na rede todas as normas existentes e executáveis no mundo real, físico. É necessário que a vontade do artista, acima de tudo, seja respeitada. Alguns disponibilizam suas obras na *web*, gratuitamente, na intenção de divulgá-las. Outros entendem que são frutos de muito trabalho e preferem vendê-las. Nada é mais próprio do homem do que aquilo que resulta de sua criação; logo, o que uma pessoa cria é de sua propriedade, por direito. Nada mais justo que ela detenha os poderes de usar, dispor e gozar de seu próprio legado intelectual. Aos usuários, cabe essa reflexão.



# INADIMPLÊNCIA DAS RÁDIOS

## MAIS DA METADE DAS EMISSORAS DE RÁDIO BRASILEIRAS NÃO PAGAM O QUE DEVEM AOS AUTORES E INTÉRPRETES

por **Carolina Folegatti**

Desde 2000, os valores recolhidos pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – o ECAD - se elevaram em mais de 100%, indicando o progresso contínuo de seus mecanismos de ação, como os sistemas de controle, fiscalização e coleta de direitos devidos aos autores e intérpretes pela execução pública de músicas, nacionais e estrangeiras. Porém, permanece muito aquém do legítimo.

O aperfeiçoamento de organização do órgão acontece concomitantemente aos inúmeros processos que o escritório move na Justiça contra pagadores que não honram seus compromissos. Não fosse a inadimplência dos usuários, o total arrecadado deveria superar os 500 milhões de reais – contra os 250 milhões de reais recolhidos em 2007, por exemplo.

Entre os maus pagadores, figuram nos primeiros lugares as radio difusoras e operadoras de tevê. Segundo dados divulgados pelo ECAD, existem no Brasil 5.236 rádios cadastradas, dentre elas 1.508 AM e 3.728 FM. A maioria destas emissoras, cujo insumo principal é justamente a música, simplesmente se recusa a pagar o que deve, embora obrigadas por lei, com significativo percentual médio de 52,6% de inadimplentes.

Márcio Fernandes, gerente executivo de arrecadação da instituição, aponta que as maiores dificuldades encontradas no recolhimento do direito autoral se deve à união do setor radiofônico, que incentiva a inadimplência sistemática, e o forte viés político predominante no meio, uma vez que diversas rádios pertencem a grupos partidários. “Enquanto um (veículo) incentiva o outro ao não pagamento, alguns interesses partidários no setor tornam-se verdadeiras barreiras para a atuação do ECAD”, revela.

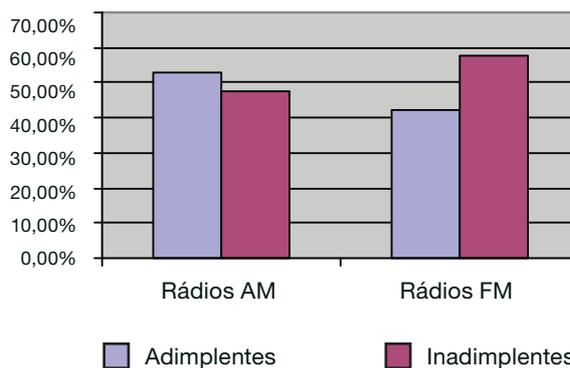
A falta de compromisso com os pagamentos devidos, devido a discordâncias quanto aos valores a serem repassados ou ao não reconhecimento do direito, além de prejudicar os rendimentos dos titulares, gera a necessidade de proporem-se ações judiciais que oneram os gastos da instituição. “Normalmente, a sentença dos processos é favorável ao ECAD, mas poderíamos gastar menos tempo e diminuir nossos custos se todos cumprissem o que está previsto por lei”, observa Márcio.

Na região Norte, onde há o cadastro de 267 rádios, entre 83 AM e 184 FM, mais da metade é inadimplente, equiparando-se à média nacional. As rádios dessa região não são gravadas pela Crowley, empresa terceirizada que grava as execuções das emissoras nas capitais de RJ, SP, MG, BA, PE, DF, PR e RS, ou pelo PC Deck, sistema do ECAD que grava as execuções das emissoras nas capitais dos estados CE, SC, ES, PA e GO. Portanto, a execução de músicas nessa área é controlada através de planilhas, que devem ser enviadas mensalmente pelas emissoras, ou pelo sistema ECAD Tec Rádio, programa desenvolvido internamente pelo órgão e disponibilizado gratuitamente para as rádios.

Márcia Melo, gerente executiva de distribuição do ECAD, salienta que é de suma importância que as rádios adimplentes da região Norte enviem as suas respectivas programações para o órgão, a fim de que as músicas façam parte do rol de rádio, cujo critério de distribuição é regionalizado, e não prejudique os titulares. Ela lembra que o órgão adota uma política, inclusive, que incentiva essa postura: “A emissora que envia a planilha de músicas executadas recebe 25% de desconto no pagamento dos direitos autorais”.

A gerente ainda analisa os números de inadimplência e ressalta que, levando-se em conta o menor nível populacional do Norte, assim como o seu contexto sócio econômico, quando comparado às regiões Sul e Sudeste, o quadro não é pior do que nas regiões mais prósperas do país.

**Inadimplência das Rádios Brasileiras**



# A UBC E O GOSPEL

Por: **Silvio Essinger**

Um estilo musical em crescimento constante que tem tocado pessoas e vem conquistando gerações. Música que vende milhões de discos, que ocupa programações inteiras de rádios, que chama a atenção pela quantidade de eventos pelo Brasil afora e que responde por uma fatia significativa – e crescente – do mercado brasileiro: esse é o Gospel, a música de louvor a Deus, expressão artística da fé evangélica que hoje conta com inúmeros adoradores, alguns muito bem-sucedidos, totalmente estabelecidos, com suas produções de caráter independente e alto profissionalismo. Encabeçado por nomes como os dos irmãos Valadão do Ministério de Louvor Diante do Trono, da pastora Ludmila Ferber, do pastor Marcos Góes, do cantor Régis Danese (que, graças ao sucesso da música “Faz um milagre em mim”, vendeu um milhão de cópias do álbum *Compromisso*) e das cantoras Aline Barros, Soraya Moraes (vencedora do Grammy 2008 em três categorias) e Shirley Carvalhaes, o Gospel virou uma referência nacional – da qual, aliás, a União Brasileira de Compositores (UBC) não ficou distante. A família Valadão, Ludmila, Marcos, Shirley, Marco Aurélio, Cláudio Claro, Kades Singers, Renato Suhett, Tony Sabetta e vários outros adoradores são representados pela UBC, bem como a gravadora Line Records (uma das maiores arrecadadoras do segmento em termos de execução pública) e as editoras MC Edição e Distribuição e Efrata Music.

Hoje, o Gospel representa um dos grandes repertórios em termos de arrecadação e distribuição do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), informa Rafael Andrade, representante do departamento Artístico & Repertório da entidade.

“Estamos cada vez mais focados nesse segmento, que é o que mais cresce no Brasil, tanto em execução quanto no surgimento de novos adoradores e ministérios diz Rafael. “E boa parte dos executantes paga os seus direitos – até mesmo as rádios comunitárias.” Os números do setor Gospel não param de se multiplicar.

**“Realizado em Janeiro de 2009, em Vila Velha - ES, a mais recente edição do Jesus Vida Verão (o maior evento gospel de praia do país) teve o recorde de público dos dezoito anos do festival: mais de 90 mil pessoas se reuniram na areia para ver os shows de David Quinlan e do irmão Lázaro.”**

Realizado em janeiro de 2009, em Vila Velha - ES, a mais recente edição do Jesus Vida Verão (o maior evento gospel de praia do país) teve o recorde de público dos dezoito anos do festival: mais de 90 mil pessoas se reuniram na areia para ver os shows de David Quinlan e do irmão Lázaro. Em outra noite do Jesus Vida Verão, mais de 70 mil pessoas compareceram para participar da gravação do CD e do DVD *Fé* do pastor André Valadão – um dos lançamentos mais aguardados da música Gospel em 2009. O momento mais marcante do espetáculo foi quando André cantou “Eu nasci de novo” acompanhado das irmãs Ana Paula e Mariana – era a primeira vez que os três gravavam juntos. Ana Paula, por sinal, é líder e compositora de alguns dos maiores sucessos do Ministério de Louvor Diante do Trono (“Preciso de ti”, “Águas purificadoras”, “Manancial”, “Tempo de festa” etc). O grupo também detém alguns importantes feitos no mundo Gospel. Em 2002, reuniu um milhão de fiéis de todo o país na frente do Congresso Nacional, em Brasília, para o show de gravação do disco *Nos braços do Pai*. No ano seguinte, para o disco *Quero me apaixonar*, foram 2 milhões de pessoas reunidas no Campo de Marte, em São Paulo.

Segundo Rafael Andrade, os objetivos da UBC com o segmento gospel não se diferenciam dos que a entidade mantém com a música secular: “Buscamos

uma relação próxima com o titular, agregando o conhecimento para que eles possam interagir cada vez mais com a sociedade e alcançarmos os objetivos comuns por meio da qualidade na gestão.”

O potencial de expansão dos artistas é vasto. O sucesso do pastor Marcos Góes, por exemplo, o levou-o em 2005 a fazer uma turnê nos Estados Unidos. Já Ludmila Ferber gravou seu mais recente CD, *Adoração profética 5 – Coragem*, no ano passado, durante um show no Parque de Exposições de Salvador, ao qual compareceram mais de 14 mil pessoas. E quem imagina que ela dependeu da estrutura de uma grande gravadora, se engana: ela fez tudo pela sua própria gravadora, a Kairós Music, fundada em 2001. Com as bênçãos de Deus e um trabalho incessante, os evangélicos aumentam a cada dia a sua participação no grande mercado da música popular brasileira.

# DEFENDENDO SEUS DIREITOS PELO MUNDO



A UBC REPRESENTA AQUI NO BRASIL OS DIREITOS AUTORAIS DOS MAIORES NOMES DA MÚSICA MUNDIAL. THE BEATLES, THE ROLLING STONES, U2, MADONNA E MICHAEL JACKSON SÃO APENAS ALGUNS ARTISTAS ENTRE AS CENTENAS QUE DEIXAM NAS MÃOS DA UBC A RESPONSABILIDADE SOBRE SUAS CANÇÕES. AQUI VOCÊ PODE FICAR A PAR DO QUE ESTÁ SENDO FEITO NO MUNDO PELOS ARTISTAS E SUAS MÚSICAS.

## ICE

Duas grandes organizações responsáveis pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais no mundo, a inglesa PRS for Music e a sueca STIM, uniram-se para aperfeiçoar a administração de seus direitos. Foi assim que nasceu o ICE, International Copyright Enterprise, em março de 2007. Com quase dois anos de vida, a união já encontrou novos parceiros. No fim do ano passado, a sociedade que protege os direitos autorais na Alemanha, a GEMA, anunciou que também pretende aderir ao ICE, segundo nota divulgada pelo site da STIM.

A sede do projeto fica na Suécia e ele é o responsável por transformar em realidade os desejos dessas sociedades concorrentes, mas que trabalham juntas em prol dos direitos autorais. Para isso, as bases de dados das duas companhias foram unificadas com o intuito de deixar as operações mais eficientes, como explica a página da PRS na internet. Serão oferecidos serviços burocráticos de registro, administração e busca de direitos autorais. Com a centralização das funções, o custo das operações também se torna menor, tanto para os donos de direitos autorais, como para os artistas e outras sociedades. O novo projeto envolve a criação de um sistema de registro de obras musicais totalmente novo. O objetivo é aumentar a capacidade de processamento desses dados. Também serão avaliadas maneiras de se oferecer mais oportunidades para os donos de direitos autorais dentro de um mercado altamente volátil. Se quiser saber mais acesse [www.prsformusic.com](http://www.prsformusic.com) ou [www.stim.se](http://www.stim.se).

## CIS Sessions

A CISAC é uma organização internacional não lucrativa que trabalha para estabelecer padrões de qualidade para o funcionamento de sociedades de direitos autorais pelo mundo todo. Para manter os seus membros informados sobre os avanços dentro do mercado, a companhia promove as famosas CIS Sessions. São encontros aonde comitês vindos de diversos países, formados por representantes das sociedades de autores, se reúnem para trocar informações sobre as ferramentas existentes para organizar e documentar as obras artísticas.

As reuniões são realizadas duas vezes ao ano, tendo sido a última realizada em fevereiro deste ano. Essa enorme troca de informações permite que a base mundial de dados autorais seja aperfeiçoada. Com a melhoria do serviço é possível evitar erros de distribuição de royalties entre as sociedades. Para Elisa Eisenlohr, do departamento de comunicação da UBC, este trabalho torna-se mais importante cada dia, à medida que as fronteiras deixam de existir.

A diretora executiva da UBC, Marisa Gandelman, esteve no último encontro para garantir que o Brasil não fique para trás no desenvolvimento e na aplicação das técnicas que permitem a distribuição dos direitos autorais. “Dos países da América Latina, o Brasil é o primeiro do ranking em eficiência! Estamos sempre trabalhando para aumentar a presença do repertório brasileiro no

exterior e para garantir que os royalties vão para as mãos certas”, diz Marisa.

A sede da CISAC fica em Paris, onde foi realizado o primeiro encontro. Segundo a última pesquisa feita em 2005 e divulgada pelo site da confederação, ela representa indiretamente mais de 2,5 milhões de autores. No total, as sociedades representadas pela CISAC já coletaram mais de 6,7 bilhões de euros (cerca de 20 bilhões de reais) em royalties até 2005. O mais interessante é que, apesar do aumento da pirataria de CDs e do download ilegal de músicas pela internet, esses números representam um aumento de 12% desde 2003. Para saber mais sobre o assunto acesse [www.cisac.org](http://www.cisac.org).

## MIDEM

Todos os anos desde 1967 empresários do ramo musical, técnicos e músicos se reúnem para fazer grandes negócios. O encontro acontece na linda cidade de Cannes, na França, todo mês de janeiro e se chama MIDEM. Lá são feitas transações comerciais entre países do mundo inteiro interessados em negociar direitos autorais. Aproveitando a presença de várias empresas e instituições envolvidas com o mercado musical, também são realizadas palestras sobre a indústria musical e discutidas alternativas para os seus problemas.

A edição de 2009 reuniu 1.700 companhias, vindas de 38 países, que trabalham em diversas áreas da indústria, desde gravadoras até sociedades defensoras dos direitos autorais, segundo as informações divulgadas pela MIDEM Magazine. Durante os quatro dias de evento, entre uma transação e outra, foram discutidas formas de tornar a produção musical um negócio cada vez mais lucrativo para o artista. A crise econômica mundial trouxe para a mesa de debates tópicos como o desenvolvimento de ferramentas para aproximar cada vez mais a música das novas mídias, como a internet.

Em um mercado altamente mutável é preciso sempre estar atento às novas oportunidades e por isso é tão importante promover o encontro entre empresários de cada setor da indústria. Essa grande feira de música proporciona o fechamento de bons negócios e também a união entre pessoas que se interessam pelo progresso do mercado. Marisa Gandelman, diretora executiva da UBC, participou do último MIDEM e garante que a enorme troca de informações entre os participantes ajuda muito a levar a diante os interesses dos direitos autorais. Por isso, a cada encontro fica mais evidente que as transações lá realizadas ajudam a manter o comércio de música, um negócio extremamente lucrativo. Além disso, as discussões promovidas são essenciais para que se encontrem soluções viáveis para os problemas enfrentados pelo mercado musical hoje. O importante é que o artista nunca se sinta desestimulado a produzir e que o amor à música sempre prevaleça. Para mais informações acesse [www.midem.com](http://www.midem.com).



# SOM BRASILEIRO

COM UMA ENORME GAMA DE ARTISTAS NACIONAIS REPRESENTADOS PELA UBC, NÃO É DE SE ESPANTAR QUE ESSA TURMA DÊ O QUE FALAR. AQUI VOCÊ FICA SABENDO DO QUE ESTÁ ACONTECENDO NO CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO E DE ALGUMAS CURIOSIDADES RELACIONADAS AOS ARTISTAS QUE AGITAM ESSA CENA.

## Livre por natureza

Já não é mais possível frear o crescimento de bandas, gravadoras e, principalmente, festivais independentes no país. A vontade de animar o cenário é tanta que os músicos e produtores interessados em promover boa música inventam novos meios e bancam as despesas do próprio bolso. O conceito básico de um festival desse tipo é não depender de patrocínio público ou privado para acontecer. Se houver um patrocínio, ótimo! Mas se não houver o show tem que continuar. Além disso, se existir uma empresa patrocinadora, ela nunca pode interferir no conceito do evento ou no programa das atrações. O direcionamento artístico tem que ser 100% livre de vínculos comerciais. A seleção de bandas normalmente é feita por meio de inscrições de fitas-demo e os próprios organizadores do evento são os encarregados por escolher os conjuntos participantes, baseados na qualidade das composições e no perfil idealizado para o festival.

É difícil definir o número exato de festivais independentes no Brasil, pois eles procriam como coelhos e muitas vezes a sua divulgação é apenas regional. O *site* Pop Up! ([www.popup.mus.br](http://www.popup.mus.br)), um dos mais completos sobre música e cultura brasileiras, enumera os 21 eventos independentes mais importantes que acontecem de norte a sul do país.

Só para citar alguns, o Abril Pro rock, de Recife (PE), é um dos mais antigos com 16 anos de atividade. O heavy metal ocupa a maior parte da programação, que reserva um dos três dias de evento apenas para o gênero. O Abril Pro Rock ficou famoso por dar um empurrão ao movimento manguebit, de bandas como Nação Zumbi e Mundo Livre S/A. Ainda no nordeste, o Boombahia de Salvador tem a característica de misturar as bandas com DJs locais. O Demo Sul, realizado em Londrina (PR), além dos shows organiza o Simpósio de Música Independente, com debates entre profissionais entendidos do assunto. O MADA, de Natal (RN), traz uma mistura ousada de

bandas novas com nomes já consagrados do pop nacional como Nando reis e Os Paralamas do Sucesso.

O centro-oeste também não fica pra trás: o Calango, em Cuiabá (MT), revelou uma cena bastante particular e rica da região, com bandas como a de folk Vanguard e a instrumental Macaco Bong. Ele dura dois meses inteiros, começando com palestras que agregam o público e culminando com três dias de shows. O Goiânia Noise, em Goiânia (GO), é um velho conhecido de quem está por dentro do cenário independente e uma referência para quem quer conhecer o melhor da produção nacional. Na capital do país, o Porão do Rock é considerado um dos maiores em estrutura. Já trouxe as bandas internacionais Muse, Suicidal Tendencies e Sepultura. Também promove debates e todo ano abre seleção para novas bandas.

O sudeste, é claro, não poderia ficar de fora. O Eletronika, em Belo Horizonte (MG), criado em 2000, tem o foco na música eletrônica e anuncia uma nova cena para o estilo no país. Já em Uberlândia nasceu, em 2005, o Jambolada, que já é o maior festival independente do estado. É um evento gratuito que valoriza a produção da regional. Na cidade do Rio de Janeiro, o Evidente tem suas raízes fincadas no improvisado. Por isso, as bandas convidadas devem incluir músicas inéditas no repertório ou então fazer jam sessions. A palavra de ordem é exclusividade. O tradicional Humaitá Pra Peixe não acontece apenas no bairro do Humaitá, no Rio de Janeiro. Ele se espalha por toda cidade ao longo de quase um mês de duração. Além dos shows, acontecem workshops e lançamentos de discos independentes.

São Paulo, o estado com a maior concentração de programas culturais do país, é riquíssimo em festivais. O Cena Musical Independente acolhe bandas de todos os gêneros. Ele é realizado nas cidades de Araçatuba, Bauru, Piracicaba e São Sebastião. A cidade de São Paulo também já ganhou

em 2008 sua própria edição do Goiânia Noise, o São Paulo Noise Festival. Ainda lá, o CCJ Independente agrega bandas de todo país e também internacionais, com maior destaque para o ska e para os projetos experimentais. Essas são apenas algumas dicas do que acontece no abundante cenário independente brasileiro. Agora é só tomar fôlego e conferir.

### **Conservatória em concerto**

A cidade localizada no interior do estado do Rio de Janeiro é famosa por abrigar inúmeros festivais. Conhecida como capital mundial da seresta, ela também abriga outros estilos de música, como o chorinho, a bossa nova e as marchas de samba. Semanalmente acontece a Serenata ao luar, às sextas-feiras e sábados a partir das 23H e sem hora pra acabar. Domingo de manhã, às 10:30, tem Solarata e todo quarto domingo do mês tem a Missa dos seresteiros.

A programação semanal é intensa e, além disso, ocorrem grandes eventos anuais. Em maio deste ano, acontece o XI Festival de Seresta Silvío Caldas, que todos os anos elege o melhor intérprete das canções do músico. Ainda no mesmo mês há a Noite da Bossa Nova, na célebre Praça da Matriz e dia 30 é o dia do seresteiro, que este ano comemora 131 anos de seresta e atrai artistas de todas as regiões do país. O Festival Cine-Música acontece em julho e é dedicado exclusivamente às trilhas sonoras, com exibição gratuita de filmes ao ar livre e shows. Ainda tem o festival Clássicos

no Inverno, dedicado à música clássica; o Eu Também Sei Cantar, somente para calouros que interpretam músicas de seresta e samba-canção; a Noite do Chorinho; e muitos outros eventos que enchem a cidade de música. Ao todo, são quase 20 festas por ano. A programação completa pode ser vista no site [www.capitaldaseresta.kit.net](http://www.capitaldaseresta.kit.net).

### **Música nas ruas**

Nosso querido Tim Maia não deixou seu nome gravado apenas nas canções que tocam nas festas, mas também nas ruas. Isso mesmo, em dezembro do ano passado uma avenida do bairro Recreio, no Rio de Janeiro (RJ), ganhou o nome de Avenida Tim Maia. E não ficou só por aí, existem pelo menos cinco ruas espalhadas pelo país que também receberam seu nome: no bairro Bela Vista, em Fortaleza (CE); em Campo Grande (MS); Nova Palestina, em Vitória (ES); Jardim São Domingos, em Guarulhos (SP); e Ibura, em Recife (PE). Será que existem mais “Tims” espalhados por aí?

Quem também deixou a sua marca foi o grande compositor Jamelão, o eterno intérprete dos sambas-enredo da escola Mangueira, falecido em julho de 2008. A área destinada à concentração dos desfiles das escolas de samba, no sambódromo do Rio de Janeiro, passou a se chamar Área José Bispo Clementino dos Santos – Jamelão. A estação de trem da Mangueira também ganhou um novo nome: Estação de Trem da Mangueira - Jamelão.

## LANÇAMENTOS

### **Ricardo Koctus**

O músico mineiro Ricardo Koctus, baixista da banda Pato Fu há 15 anos, está lançando seu primeiro trabalho solo, homônimo. Só que desta vez ele troca o baixo pela voz e o violão. As 12 faixas trazem uma mistura de MPB e rock com um gingado típico do samba.

### **Catedral**

Em abril chega nas lojas o primeiro CD e DVD ao vivo da banda de pop rock Catedral, Catedral 20 anos na Estrada Ao Vivo!. São 26 músicas que contam a história dos 20 anos de carreira do grupo carioca.

### **Blitz**

A banda que foi sucesso absoluto nos anos 80 acabou de lançar a sua primeira biografia, As aventuras da Blitz, escrita pelo jornalista Rodrigo Rodrigues. O livro é um almanaque com muitas fotos do arquivo pessoal dos integrantes e recheado de histórias inéditas. O trabalho mais recente, o CD e DVD Ao Vivo e a Cores, saiu em 2008 e traz releituras dos grandes sucessos do grupo.

### **Papas da Língua**

Acaba de ser lançado o novo álbum da banda formada por músicos veteranos Papas da Língua, o Disco Rock. O trabalho mal saiu e a música que dá título a ele já está na trilha sonora da nova temporada do seriado Malhação, da Rede Globo.

### **Os Mutantes**

Uma das bandas brasileiras de maior renome internacional, Os Mutantes, se prepara para colocar na praça seu primeiro álbum de músicas inéditas em quase 30 anos. Os músicos comandados por Sérgio Dias, o único integrante da formação original, deram uma pausa na turnê e já estão em estúdio finalizando a obra.

# AGENDA



Mais do que uma agenda cultural, esta é uma agenda profissional. Aqui, músicos iniciantes e veteranos podem se interar sobre os prêmios e concursos de música que oferecem oportunidades para todo tipo de artista.

## Mahler

Aberto a compositores de todas as nacionalidades, o 15º Prêmio de Composição Gustav Mahler, da cidade austríaca de Klagenfurt já tem inscrições iniciadas, que serão aceitas até o dia 5 de maio (data da postagem do material). Os trabalhos devem ter entre 15 e 20 minutos de duração e ser totalmente inéditos -nunca publicados e/ou apresentados em público. O vencedor, além de um prêmio no valor de 3.600 euros, terá sua obra apresentada no dia 23 de julho e regida pelo maestro Christoph Cech, com gravação e posterior transmissão pela ORF (Serviço de TV e rádio austríaco). Todas as informações sobre o prêmio podem ser obtidas através do *site* [www.musikforum.at](http://www.musikforum.at)

ATÉ 05/05/09

## Trinarte

Esta é a primeira edição do evento, realizado em Santos (SP), voltado para a MPB. Cada participante pode inscrever até três canções inéditas pelo *site* do festival até o dia 5 de maio. Essas músicas devem ser apresentadas preferencialmente em vídeo e cada participante precisa pagar 35 reais de taxa de inscrição. Ao todo serão concedidos onze prêmios, que variam de 500 a 8 mil reais.

ATÉ 05/05/09

## Terceiro Festival de Música das Esferas

### Festival Internacional de Música de Bragança Paulista 2009.

Com uma programação composta por concertos e recitais -oferecidos gratuitamente ao público-, além de oficinas de música de câmara, será realizado entre os dias 4 e 12 de julho, o III Festival Música das Esferas – Festival Internacional de Música de Bragança Paulista 2009. Nesse ano a novidade fica por conta das bolsas integrais, que incluem além das aulas, hospedagem e alimentação completa aos participantes. As inscrições abriram-se no dia 01 de março e vão até 31 de maio e todas as informações referentes ao evento, além do regulamento de inscrição, estão disponíveis pelo *site* [www.fmde.art.br](http://www.fmde.art.br)

ATÉ 31/05/09

## FestVoz&Violão

No concurso realizado pela Ordem dos Músicos do Brasil, apenas músicas em voz e violão podem entrar. Esta é a primeira edição do festival e cada compositor pode inscrever no máximo três obras inéditas. As inscrições devem ser enviadas por correio para a sede da Ordem, no Rio de Janeiro até o dia 20 de junho. Os primeiros três colocados receberão um troféu e prêmios que variam de 600 a 2.500 reais. O melhor intérprete também ganhará um troféu e 300 reais.

ATÉ 20/06/09

## FENAC

As inscrições para o 39º Festival Nacional da Canção, um dos maiores do Brasil, já estão abertas e vão até 9 de julho. O evento será realizado entre julho e setembro em 5 cidades mineiras: Três Pontas, Varginha, Formiga e Alfenas. A final acontece em Boa Esperança. São oferecidos 27 prêmios com valores entre 450 e 17 mil reais.

ATÉ 09/07/09

## Moenda da Canção

Realizado, este ano, pela 23ª vez, o concurso é destinado exclusivamente à música tradicional gaúcha. As inscrições ficam abertas até 10 de julho. Os dois primeiros colocados e a melhor canção eleita pelo público ganharão um troféu e prêmios que variam de 1 mil a 3 mil reais. Ainda serão distribuídos outros cinco troféus para os melhores de diferentes categorias.

ATÉ 10/07/09

## BdeBanda

O festival organizado pelo *Jornal do Brasil* vai para a sua quarta edição e seu objetivo é dar uma chance a bandas cariocas. As inscrições abrem em agosto e para participar o grupo só precisa enviar uma canção inédita em MP3 pelo *site* do jornal. Na edição de 2008 a banda vencedora ganhou o direito de gravar um disco digital e ainda participou do festival de música independente MADA, em Natal (RN)

AGO 2009

## Festival da Seresta Sílvia Caldas

Para participar da 12ª edição do festival de serestas que homenageia Sílvia Caldas basta escolher uma das mais de duzentas músicas do repertório do seresteiro. Os três melhores intérpretes ganham um troféu e prêmios como hospedagens em hotéis da cidade. As inscrições para a edição de 2010 começam na primeira semana de janeiro e vão até março. Elas podem ser feitas pelo telefone (21) 2672-7781.

JAN 2010

# A UBC sempre perto de você

COM ESCRITÓRIOS LOCALIZADOS NAS PRINCIPAIS  
CAPITAIS DO PAÍS, A UBC CONTA COM A ESTRUTURA  
NECESSÁRIA PARA PODER ATENDER SEUS ASSOCIADOS  
SEMPRE DA MELHOR FORMA

## ENDEREÇOS DA UBC

Rio de Janeiro (Sede)  
Rua Visconde de Inhaúma, 107  
Cep 20091-007  
Tel: (21) 2223-3233  
Fax: (21) 2516-8291  
ubc@ubc.org.br

São Paulo  
Rua Cincinato Braga, 321 - 11º and.  
Cep 01333-011  
Tel: (11) 3326-3574  
Fax: (11) 3315-8389  
ubcsp@ubc.org.br

Recife  
Rua Francisco Alves, 590 - sl. 803  
Cep 50070-490 - PE  
Tel: (81) 3421-5171  
Fax: (81) 3421-5119  
ubcrecife@ubc.org.br

Salvador  
Av. Prof. Magalhães Neto, 1752 - sl. 602  
Cep 41810-012  
Tel: (71) 3272-0855  
Fax: (71) 3272-0856  
ubcbahia@ubc.org.br

Belo Horizonte  
Av. Álvares Cabral, 344 - sl. 608  
Cep 30170-911  
Tel: (31) 3226-9315  
Fax: (31) 3226-8951  
ubcmg@ubc.org.br

Porto Alegre  
Rua Quintino Bocaiuva, 655 - sl. 501  
Cep 90440-051  
Tel: (51) 3222 2007  
Fax: (51) 3222 1986  
ubcrs@ubc.org.br

Brasília  
GRV Produções Culturais Ltda  
SRTV Sul - qd.701 - bl. K - sl. 613  
CEP 70340-000  
Tel: (61) 4063-8579  
Fax: (61) 3225 7087  
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br



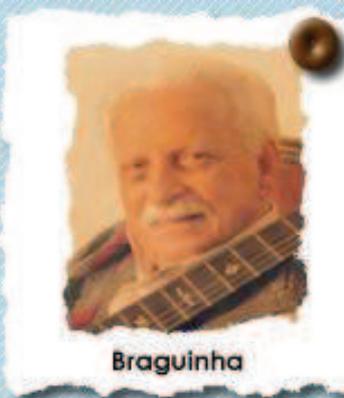
Herbert Vianna



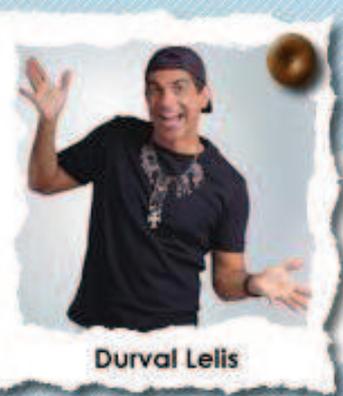
Zelia Duncan



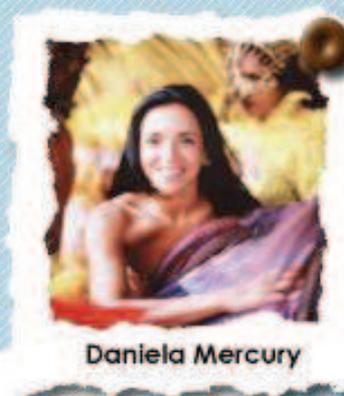
Djavan



Braguinha



Durval Lelis

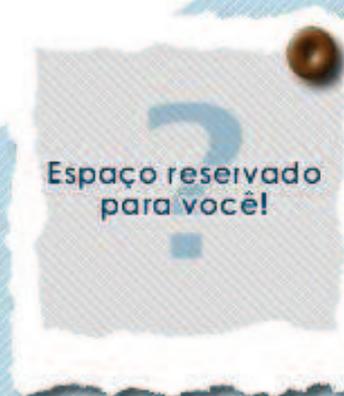


Daniela Mercury

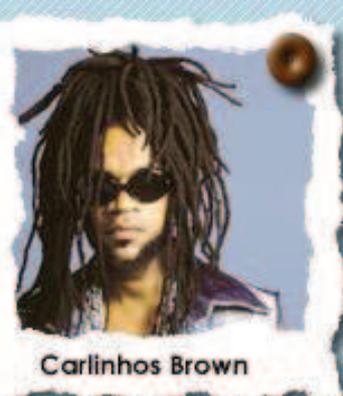


Beth Carvalho

**"Há 66 anos atuando na defesa dos direitos autorais no Brasil"**



Espaço reservado para você!



Carlinhos Brown

A UBC atua de maneira ágil e transparente para que seus associados possam se dedicar ao que fazem de melhor: música.

Também fazem parte do quadro de mais de 8000 mil associados da UBC: Erasmo Carlos, Fernanda Abreu, Gilberto Gil, Chico Buarque, Paula Toller, Rita Lee, Samuel Rosa, Ana Carolina, Edgar Scandurra, Lenine, Alceu Valença, Marisa Monte, Gabriel O Pensador, Marcos Valle, Margareth Menezes, Rogerio Flausino, Humberto Gessinger, Latino, Milton Nascimento, Maria Rita, Cartola, Raul Seixas, Adriana Calcanhoto, Gal Costa, Sandra de Sá, dentre outros grandes nomes da música brasileira.



Leonardo



Peninha



Ed Motta

União Brasileira de Compositores - [www.ubc.org.br](http://www.ubc.org.br)  
Rio: Rua Visconde de Inhaúma, 107 - Tel.: (21) 2223-3233;  
São Paulo: Rua Cincinato Braga, 321, 11º andar, Bela Vista (11) 3326-3574 - FAX (11) 3315-8389  
Recife: Rua Francisco Alves, nº 590 - Sala 803 Empresarial Negocial Center - Ilha de Leite  
Tel.: (81) 3421-5171 Fax: (81) 3421-5119  
Salvador: Av. Prof. Magalhães Neto, 1752 - Sala 602 - Ed. Lena Empresarial -  
Pituba - Cep: 41810-012 TEL.: (71) 3272-0855 - FAX: (71) 3272-0856.  
Belo Horizonte: Av. Álvares Cabral, no. 344/808 - Tel.: (31) 3226-9315  
Porto Alegre - Rua Quintino Bocaiuva, 655, sala 501 Tel.: (51) 3222 2007.  
Brasília: GRV Produções Culturais Ltda - SRTV/Sul Qd 701 Bloco K sala 613 Brasília/DF